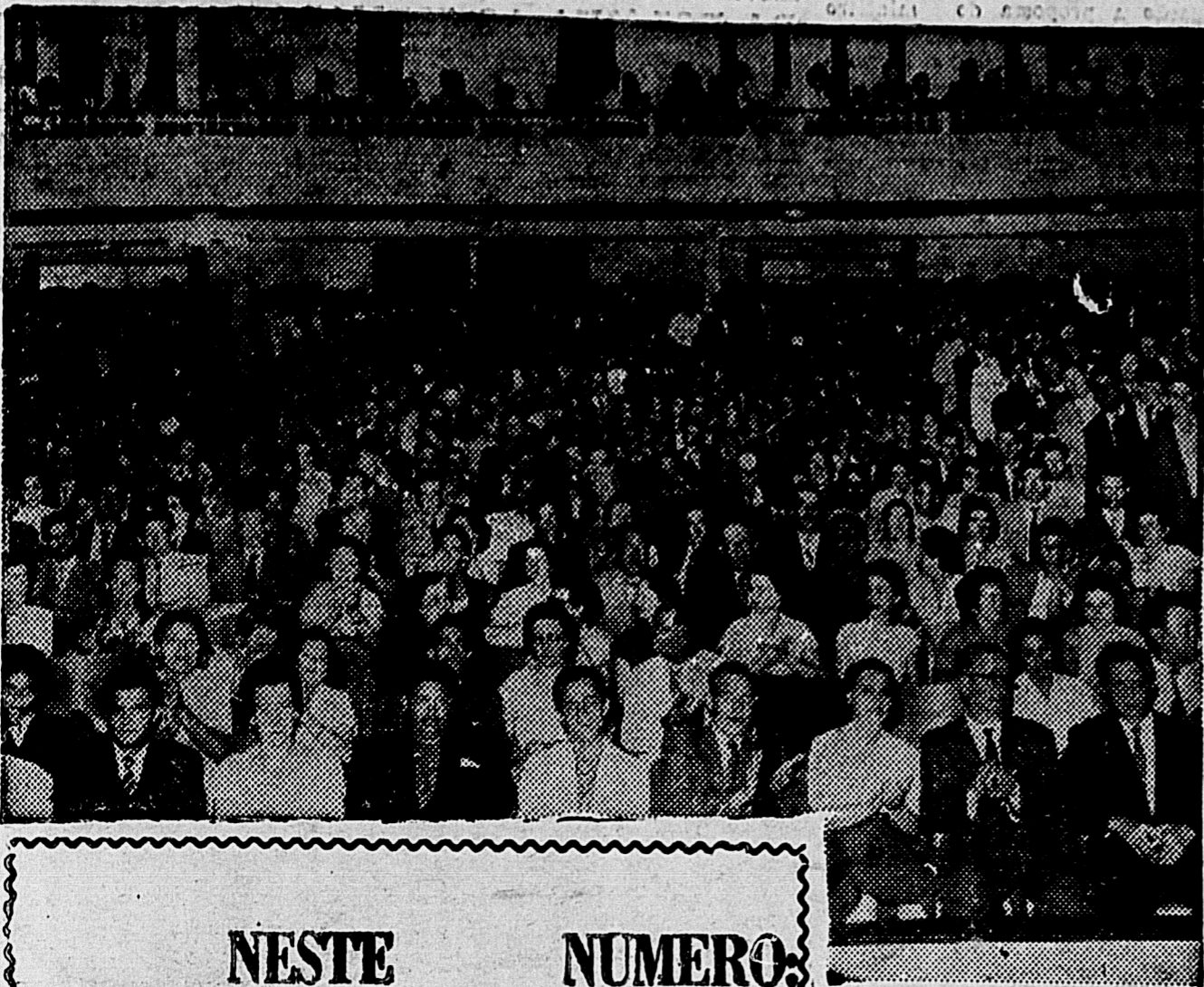


Sôbre a Luta Pela Paz e a Modificação Da Política Externa do País

(LEIA NA TERCEIRA PAGINA
NOTA DO PRESIDUM DO
COMITÊ CENTRAL DO P.C.B.)



DA FAMILIA PAULISTA A LUIZ CARLOS PRESTES. — Com o Teatro São Paulo, suscitado por entusiástica massa popular, realizou-se no dia 14 do corrente, na Capital bandeirante, a "Noite de Arte e Cultura Brasileiras", homenagem da família paulista a Luiz Carlos Prestes, no seu 60º aniversário natalício. Pessoas de tôdas as categorias sociais compareceram à festa, numa firme demonstração de espírito democrático e solidariedade para com o grande líder do povo brasileiro. O foto fixa um aspecto paraf do Teatro São Paulo, por ocasião da referida festa.

VOZ OPERÁRIA

Nº 450 ★ RIO DE JANEIRO, 18 DE JANEIRO DE 1958



NESTE NUMERO:

- ★ Vitória do sr. Muniz Falcão confirma o ascenso democrático — (Comentário Político)
- ★ Grandes Declarações Revolucionárias — Editorial do «Jimiñipao» sôbre os documentos de Moscou.
- ★ Colocar em termos justos a questão de nossas relações comerciais com a URSS — (Reportagem de FRAGMON CARLOS BORGES).
- ★ Saudamos o 60º Aniversário de Luiz Carlos Prestes — Artigo de J. ARMANDO CASTRO.
- ★ CMTC de São Paulo: Sua História e seus Problemas — Reportagem.



Flagrantes da grande assembléia intersindical de domingo passado, em São Paulo. Para o dia 26 próximo está marcada outra assembléia, que decidirá da atitude a tomar pelos trabalhadores diante do julgamento do TST (Veja outras informações na página central)



INÍQUA DECISÃO DO TST CONTRA O PROLETARIADO PAULISTA

(Reportagem na página Central)

A DITADURA PRÓ-IANQUE DE JIMENEZ EM CRISE (Reportagem sôbre a situação na Venezuela na 12a. página)

MACEDO SOARES — (após ouvir um telefonema de mr. Foster Dulles e um relatório de D. Odete): Melhor que o café brasileiro apodreça por aqui mesmo do que bebido pelos «bolchevistas» em Moscou!



A Luta Pela Paz Na América Latina

REUNIÃO DE REPRESENTANTES DOS MOVIMENTOS DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ DA ARGENTINA, BRASIL E CHILE

Realizou-se, nos primeiros dias de dezembro último, em Buenos Aires, uma reunião de representantes dos movimentos da paz da Argentina, do Brasil e do Chile. Depois de um exame da situação internacional e das tarefas e perspectivas do movimento da paz na América Latina, os participantes da reunião aprovaram uma declaração conjunta.

Após referir-se à situação internacional, à corrida armamentista e aos demais fatores de guerra, a declaração conjunta alude ao dispositivo bélico da OTAN. A declaração aborda em seguida os problemas da América Latina, parte do documento que abaixo reproduzimos.

A situação na América Latina

A América Latina também foi incluída nesse dispositivo. Recentemente o sr. Foster Dulles discutiu em Washington com os embaixadores das 20 Repúblicas «a possibilidade de fornecer-lhes armas nucleares e outras armas ultramodernas».

Acrescenta-se a isso: a) os compromissos adotados por nossos três países e o Uruguai «sobre a defesa do Atlântico Sul», inspirados pela Junta Interamericana de Defesa presidida pelo general norte-americano Shepherd, e cujas 18 resoluções ainda são mantidas em segredo; b) a tentativa de incluir o Brasil (e já agora todos os países da Organização dos Estados Americanos — N. R.) na OTAN; c) a pressão exercida sobre a Argentina para que firme com os Estados Unidos um pacto militar bilateral; d) as bases para projetos teleguiados estabelecidas ou exigidas pelos Estados Unidos em vários países latino-americanos; e) a insistência norte-americana para que sejam unificados sob a direção dos chefes do Pentágono o comando das forças armadas, a estratégia, a instrução militar e os armamentos de todo o Continente.

Essa rápida recapitulação lança uma luz dramática sobre a situação de nossos países aos quais se quer comprometer de modo direto nos preparativos da guerra nuclear, o que os exporia, sem remissão, no caso de conflito, a represálias devastadoras.

Culmina assim uma política que, já em tempos de paz, produziu grandes males para nossas pátrias. A experiência demonstra que os tratados militares regionais e os pactos bilaterais com os Estados Unidos, assim como as obrigações econômicas e políticas que deles derivam, têm servido de pretexto para a intervenção estrangeira em nossos assuntos internos e estão na origem da aguda crise sofrida pela América Latina. Suas consequências são: os reiterados intentos de controlar o petróleo, o urânio e outras matérias primas estratégicas; a limitação imposta ao nosso comércio exterior e os baixos preços por que são vendidos o café, o estanho, o cobre, a carne e outros produtos; a impossibilidade de obter os equipamentos industriais e outros que o progresso desses países requer urgentemente; o constante déficit de divisas e a inflação. Ao mesmo tempo o contínuo fornecimento de armamentos, e a competição criada artificialmente por esse motivo entre nações irmãs, urge de contribuir para uma autêntica defesa nacional, originária rivalidades injustificadas entre elas, facilita a ingerência estrangeira e esmaga os povos com elevados gastos militares devorando incalculáveis recursos que deveriam ser destinados a combater a miséria, o analfabetismo e as enfermidades, a desenvolver as economias nacionais e a elevar o nível de vida dos povos latino-americanos.

Impõe-se aos países latino-americanos a adoção de um outro

nosso país precisa abandonar esse rumo, que só pode conduzir-nos a um desastre. Impõe-se uma redução coletiva dos armamentos em toda a região, a renúncia a participar em blocos e a todo compromisso militar, uma paulatina e crescente integração econômica e cultural latino-americana, para benefício mútuo; o estabelecimento e a ampliação de relações cordiais, frutuosas e em pé de igualdade com todas as nações; a realização de uma política independente e autônoma que não esteja desenhovendo com êxito nações até ontem relegadas, e que nos permita construir as bases de nosso progresso e contribuir eficazmente para um melhor entendimento internacional.

Todo apoio ao Congresso pelo Desarmamento e a Cooperação Internacional, convocado pelo Conselho Mundial da Paz

A humanidade deve decidir se os maravilhosos progressos alcançados pela ciência e pela técnica, que poderiam transformar em realidade os sonhos mais audaciosos serão colocados ao serviço da vida, ou da morte. O Movimento Mundial da Paz afirma que a ação dos povos é hoje mais forte que nunca e que pode e deve afastar os obstáculos que se opõem ao desarmamento e à cooperação entre as nações.

Porém, para que essa ação popular seja mais intensa e fecunda, é indispensável que as numerosas forças de distinto caráter que pugnam por fins semelhantes se encontrem, para confrontar livremente suas idéias e aspirações; para buscar em comum as meios mais eficazes que lhes permitam libertar a humanidade do terror atômico e iniciar uma era de verdadeira paz. Com esse objetivo o Conselho Mundial da Paz convocou, para meados de 1958, o Congresso pelo Desarmamento e a Cooperação Internacional, cujas portas estarão abertas a todos aqueles que querem a paz entre as nações e a amizade entre os povos. A preparação desse Congresso, que já começou, deve ser acompanhada da intensificação da campanha geral pelo desarmamento e por um encontro entre os chefes das grandes potências.

Levando em conta a situação atual, as propostas acima mencionadas, os Movimentos da Paz da Argentina, Chile e Brasil decidem:

- 1) — apoiar a realização do Congresso pelo Desarmamento e a Cooperação Internacional, convocado pelo Conselho Mundial da Paz organização que possui a experiência, o prestígio e os títulos necessários para assegurar o êxito desse grande encontro mundial.
- 2) — intensificar seus próprios esforços, atuais em colaboração entre si e com os demais movimen-

tos da paz da América Latina, e estabelecer toda espécie de contactos com as forças pacíficas dos vários países de nossa região com o objetivo de: a) — lograr que a opinião pública da América Latina atue vigorosamente para impor a separação de nossos países do campo da guerra e o respeito à soberania nacional, e para que apoie ainda com maior energia a campanha mundial contra os perigos iminentes, pelo desarmamento regional e mundial, e pela cooperação pacífica internacional; b) — promover a mais ampla divulgação dos objetivos do Congresso de 1958 e obter que nossos países estejam presentes no mesmo através de delegações representativas dos diversos setores dos povos latino-americanos.

PAZ PARA A AMÉRICA PAZ PARA O MUNDO

OS MOVIMENTOS DA PAZ DA ARGENTINA, CHILE E BRASIL

Buenos Aires, dezembro de 1957.

Reforçará a Causa da Paz A Realização do "Plano Rapacki"

Vem alcançando grande repercussão a proposta do Ministro do Exterior da Polónia, camarada Adam Rapacki, a respeito da criação, na Europa Central, de uma zona em que fossem proibidos a produção e a utilização de armas nucleares. Sobre esta proposta que ficou conhecida como "Plano Rapacki" o ministro do Exterior da Polónia concedeu uma entrevista ao jornal francês "Le Monde". Desta entrevista, resumimos a seguir a parte principal.

ENFORÇO REALISTA PELO DESARMAMENTO

A primeira pergunta de "Le Monde" foi a seguinte:

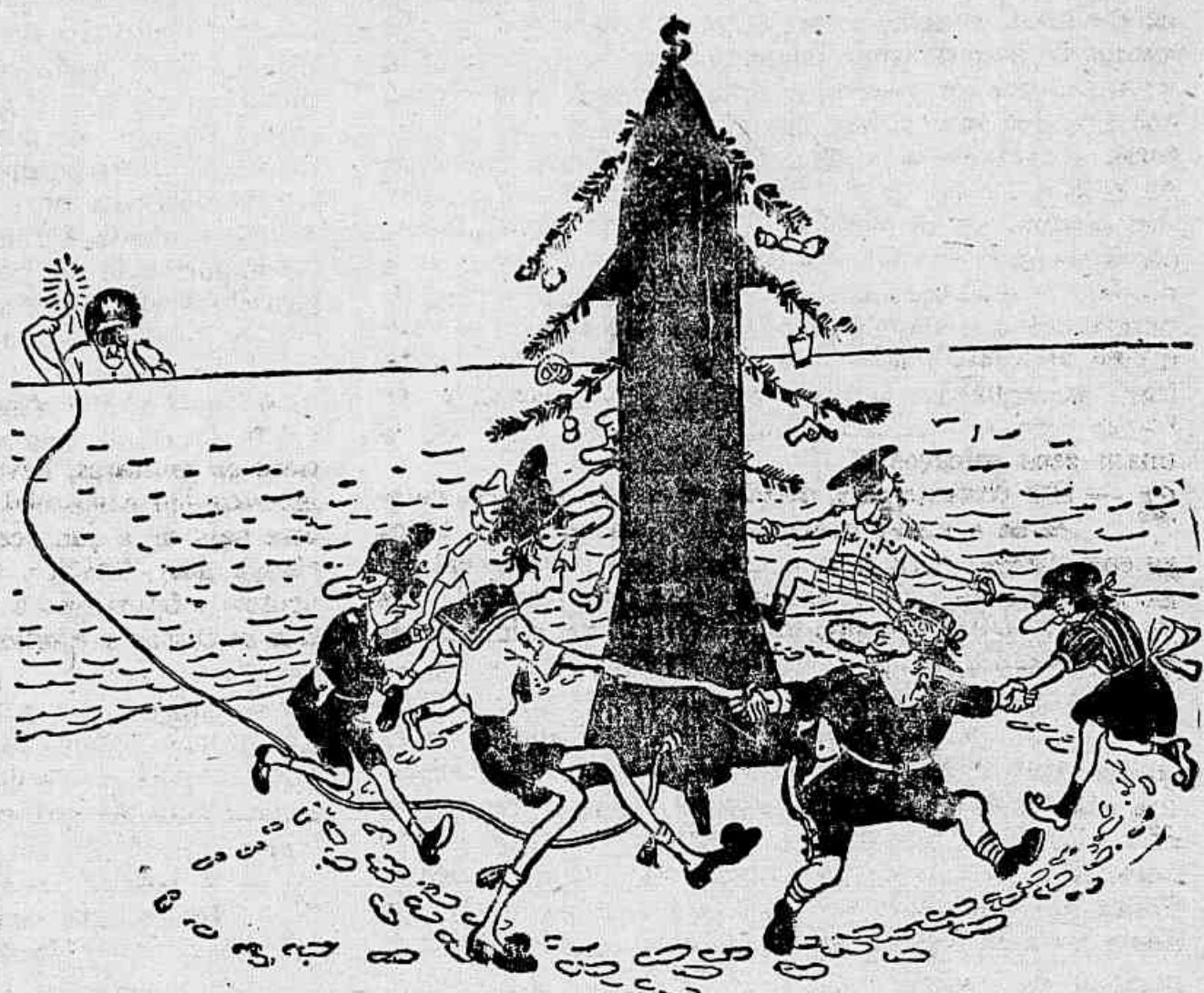
— De que maneira e sobre que base julga possam ser re-

ENTREVISTA DO MINISTRO DO EXTERIOR DA POLÓNIA AO JORNAL FRANCÊS «LE MONDE» — O QUE PODE SIGNIFICAR A CRIAÇÃO DE UMA «ZONA DESATOMIZADA» NA EUROPA CENTRAL — UM PASSO PARCIAL E REALISTA PARA O DESARMAMENTO

tomadas as negociações sobre o desarmamento?

— Julgo que o interesse no qual se encontraram as negociações sobre o desarmamento não justifica a criação de uma zona de soluções construtivas. Não se deve, em especial, interromper os esforços feitos junto à ONU para encontrar tais ou quais métodos e soluções aceitáveis por todos os Estados interessados.

Mas, antes de tudo, não devem ser tomadas atualmente medidas no sentido inverso. Não se deve sobretudo, intensificar e acelerar a corrida armamentista desenvolvida a arma tóxica, multiplicar as bases de engenhos teleguiados. É necessário, igualmente, tomar consciência de que é



PRESENTE DE NATAL

Os Estados Unidos ofereceram aos países da OTAN a instalação de bases de foguetes teleguiados (Uma charge dos Kukuriniksy, da "Pravda")

Crônica Internacional

Bulgárin Propõe uma Reunião de Chefes de Estado

FALANDO aos jornalistas no dia 10 do corrente, o sr. Foster Dulles, Secretário de Estado do governo norte-americano, declarou que "a segunda missiva de Bulgárin foi enviada para que coincidisse com a mensagem sobre o estado da União, do presidente Eisenhower ao Congresso e eclipsasse esta mensagem". Tinha razão, num ponto, o sr. Foster Dulles: a missiva de Bulgárin eclipsou de fato a mensagem do presidente dos E. Unidos ao Congresso. As agências telégraficas ocidentais registraram o fato, alarmadas: na maioria dos jornais em todo o mundo as cartas do primeiro-ministro soviético foram publicadas com mais destaque que o discurso de Eisenhower, ficando este em segundo plano.

Qual a explicação desse fato? Reside ela na diferença fundamental de conteúdo dos dois documentos. A mensagem de Eisenhower, que as manchetes resumiram na expressão "Paz pela Força", constitui na realidade um plano de intensificação da corrida armamentista, tendo como eixo a preparação acelerada de uma guerra nuclear. As cartas de Bulgárin, enviadas no mesmo dia aos governos de 19 países, entre os quais os dois países membros da OTAN, reafirmam as propostas concretas de desarmamento e alívio da tensão apresentadas recentemente pela U. R. S. S., acrescentadas de novas medidas, simples, construtivas, e aceitáveis por todos aqueles que não estiverem dominados pelo mais extremado furor belicista.

"A situação internacional se caracteriza", diz Bulgárin, "pela continuação da guerra fria e a aceleração da corrida armamentista, que constitui uma ameaça à paz universal e à sorte de toda a humanidade". "Por outro lado", constata ainda a missiva, "incrementou-se enormemente a luta dos povos pela paz e a segurança".

Partindo dessa análise, Bulgárin propõe a realização, nos próximos dois ou três meses, de uma reunião dos chefes de governo, "a fim de terminar com a guerra fria".

"Nessa reunião, diz Bulgárin, serão discutidos os problemas cuja solução corresponde aos desejos mais ardentes dos povos". Entre as decisões que poderiam ser imediatamente tomadas em uma tal conferência, figurariam a suspensão imediata das experiências com armas nucleares, o compromisso de não utilizá-las numa guerra, a proposta do governo polonês (plano Rapacki) de criação de uma zona sem armas nucleares na Europa Central, compreendendo pelo menos as duas Alemanhas, a Polónia e a

Tchecoslováquia. Além disso seriam estabelecidas as bases de um pacto de não-agressão entre os países membros da OTAN e os países membros do Tratado de Varsóvia, idéia esta já apoiada publicamente pelo primeiro ministro inglês Mac Millan, e encarada com simpatia pelos principais membros europeus da OTAN. Os problemas do Oriente Médio seriam também objeto de uma discussão franca, tendo em vista a não ingerência estrangeira nos assuntos internos daquela região. O problema do controle e fiscalização internacional das medidas adotadas tendo em vista o alívio da tensão internacional e o desarmamento constituiria também ponto importante da ordem do dia. "A reunião", diz Bulgárin, "constituirá importante iniciativa para uma mudança fundamental na situação internacional e para a cessação da guerra fria".

Os países participantes da conferência proposta por Bulgárin. Mac Millan, falando em Nova Delhi, reiterou o Tratado de Varsóvia, e mais a Índia, o Afeganistão, o Egito, a Suécia e a Iugoslávia.

Era natural, portanto, que as cartas de Bulgárin "eclipsassem" a mensagem de Eisenhower. Nehru proclamou imediatamente sua adesão à reunião proposta por Bulgárin. Mac Millan, falando em Nova Delhi, reiterou sua apoio à realização de um pacto de não-agressão, e afirmou que "os Estados Unidos estão dispostos a aprovar esse plano". Em toda a Europa os mais variados setores da opinião pública, inclusive alguns ligados aos meios governamentais, tornam pública sua simpatia pela idéia da reunião de chefes de governo. Nos próprios Estados Unidos importantes personalidades políticas não escondem sua oposição à orientação impressa por Foster Dulles à política externa do país. A repercussão favorável às cartas de Bulgárin foi tão intensa, em todo o mundo, que Eisenhower terminou por aceitar "em princípio" a realização de uma reunião de chefes de Estado, embora insistisse ainda na exigência protelatória de "negociações diplomáticas preliminares".

Tudo indica portanto que nos próximos meses poderão ter início modificações importantes da situação internacional, no sentido da cessação da corrida armamentista e da terminação da guerra fria. Todas as forças interessadas na paz vêem-se assim colocadas ante o dever sagrado de desenvolver com urgência o máximo de esforços a fim de que tais modificações se tornem realidade.

Sobre a Luta Pela Paz e a Modificação Da Política Externa do País

1 — SALVAGUARDAR a paz, lutar por impedir a eclosão de uma terceira guerra mundial é, no momento atual, a principal tarefa da classe operária no mundo inteiro. Na situação atual do mundo, a guerra não é inevitável e a paz pode ser mantida e consolidada, porque existem forças poderosas que lutam pela coexistência pacífica entre as nações, por uma solução pacífica dos problemas internacionais. O campo socialista, que tem à frente a União Soviética, se fortalece a cada dia e realiza uma consequente política em defesa da paz; cresce o número de países que se libertam da opressão imperialista e que, para pôr fim à miséria e ao atraso, adotam uma política de paz e de neutralidade, estabelecem relações com todos os países; no próprio campo do imperialismo, ficam cada vez mais isolados os provocadores de guerra, a minoria reacionária ligada aos grandes monopólios, enquanto se avolumam os setores favoráveis a entendimentos pacíficos. Subsiste, no entanto, o perigo de guerra, porque sob a pressão dos monopólios os círculos dirigentes de alguns países capitalistas, sobretudo dos Estados Unidos, negam-se a aceitar o desarmamento, a interdição das armas de extermínio em massa e outras medidas capazes de eliminar efetivamente a ameaça de uma nova guerra. Para salvaguardar a paz, é indispensável que todas as forças amantes da paz intensifiquem sua vigilância e unam seus esforços.

2 — EM NOSSO país, diante da classe operária coloca-se o dever precípuo de contribuir com todas as suas forças para unir e mobilizar o povo brasileiro na luta pela paz. Na atual conjuntura, o desejo de paz do povo brasileiro se manifesta através da exigência de modificações na política externa do governo da República. A maior contribuição que o povo brasileiro pode dar à causa da paz mundial é conseguir que o Brasil realize uma política exterior independente e consentânea com os interesses nacionais, orientada firmemente no sentido da defesa da paz, da afirmação da soberania nacional e de relações amistosas com todos os povos. Todas as esperanças de progresso e prosperidade de nosso povo se acham vinculadas a uma situação internacional de paz. Só a paz pode assegurar as condições mais favoráveis ao intercâmbio econômico e cultural com todos os países, à exploração de nossas fontes de riqueza de acordo com as necessidades de desenvolvimento do país e à salvaguarda da soberania nacional.

3 — Na luta por uma política externa independente, tem uma importância decisiva no momento o estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética e os demais países do campo socialista. São os interesses nacionais do Brasil, as exigências inadiáveis do seu desenvolvimento econômico, que impõe a necessidade desta medida, já hoje transformada numa reivindicação nacional. Para eliminar as graves dificuldades que pesam sobre o seu comércio exterior, o Brasil necessita ampliar seus mercados, e as transações comerciais com os países do campo socialista — com uma população de 959 milhões de habitantes em pleno e acelerado progresso — contribuirão para o maior escoamento do café, do cacau, do algodão e de tantos outros produtos. As relações econômicas com a União Soviética, país dotado de poderoso parque industrial e de uma técnica avançada, tornarão possível ao nosso país obter equipamentos, ajuda técnica e créditos de que necessita para o seu desenvolvimento econômico independente. Cumpre destacar neste sentido a enorme importância da palavra esclarecedora de Nikita S. Kruschiov em entrevista recentemente concedida à imprensa brasileira e cuja difusão deve ser intensificada por toda parte. As propostas da U.R.S.S., visando a uma ajuda desinteressada às nações subdesenvolvidas e à realização de negócios sem quaisquer condições políticas ou militares, revelam claramente as vantagens do intercâmbio comercial e das relações diplomáticas com esse país. É o que acaba de ser comprovado na Conferência Afro-Asiática realizada no Cairo, onde causou profunda impressão a maneira pela qual a União Soviética se dispôs a ajudar fraternalmente os países subdesenvolvidos da Ásia e da África. Para obter a necessária modificação na política exterior brasileira, no sentido de uma política independente, pacífica e correspondente aos interesses nacionais, é indispensável pois que o povo exija do governo o estabelecimento de relações com a U.R.S.S. e com todos os países socialistas.

4 — A DEFESA da causa da paz exige, ao mesmo tempo, que sejam apoiados todos os esforços realizados em escala mundial ou nacional pelos governos, pelo movimento dos partidários da paz, por personalidades de vários setores da vida social ou por organizações representativas de correntes da opinião pública, objetivando o alívio da tensão internacional e a coexistência pacífica entre as nações. Adquire grande

importância no momento atual a luta pelo desarmamento, pela cessação das experiências com armas nucleares e pelo entendimento direto entre os chefes-de-Estado das grandes potências, medidas que significariam passos concretos de extraordinário alcance no sentido de impedir a deflagração de uma nova guerra mundial. Nas condições de nosso país, as forças amantes da paz têm diante de si a tarefa de lutar contra a pretendida adesão do Brasil à OTAN, proposta que visa arrastar-nos à participação nos planos agressivos dos Estados Unidos e constitui uma grave ameaça à soberania nacional e às aspirações pacíficas do povo brasileiro. O Presidium do Comitê Central do P.C.B. chama a atenção de todos os comunistas para a necessidade de empenharem seus esforços na mobilização de todas as camadas da população para a luta em defesa da paz. Neste sentido uma das tarefas imediatas dos comunistas consiste em difundir por todos os meios o Manifesto da Paz, assinado pelos representantes dos Partidos Comunistas e Operários presentes às comemorações do 40º aniversário da Revolução Socialista de Outubro em Moscou.

5 — Na luta pela paz e por uma política externa independente, deve ser preocupação constante dos comunistas reforçar a frente única das forças nacionalistas e democráticas do povo brasileiro. Para isso é indispensável no momento atual que os comunistas intensifiquem sua ação política, voltem-se para a atuação junto às massas, sejam cada vez mais um fator de mobilização e unificação das massas. Diante da campanha eleitoral que se inicia em todo o país, a participação dos comunistas assume particular importância. Através da campanha eleitoral, devemos contribuir para a unidade de todas as forças patrióticas e democráticas, para sua vitória eleitoral e a derrota dos entreguistas. Nas eleições de outubro próximo o povo brasileiro poderá eleger ao Congresso Nacional uma maioria decisiva capaz de assegurar vitoriosamente uma política exterior independente, afirmativa da soberania nacional, de paz e relações amistosas com todos os povos. Simultaneamente, poderão ser eleitos governadores, assim como assembleias estaduais e câmaras municipais democratas e progressistas, que constituirão poderosa base para uma política nacional independente, progressista e democrática.

Janeiro de 1958.

O PRESIDIO DO COMITÊ CENTRAL DO P.C.B.

TROCA DE MENSAGENS ENTRE O PRESIDENTE KUBITSCHK E OS DIRIGENTES SOVIÉTICOS A CONTRIBUIÇÃO DO BRASIL PARA QUE PREVALEÇAM OS PRINCÍPIOS DA COEXISTÊNCIA PACÍFICA

Conforme já foi amplamente divulgado, o presidente Juscelino Kubitschek recebeu, por motivo do transcurso do Ano Novo, uma mensagem de saudações assinada pelos mais altos dirigentes da União Soviética: Kliment Vorochilov, presidente do presidium do Soviet Supremo; Nikolai Bulganin, presidente do Conselho de Ministros; Nikita Khrushchiov, 1º secretário do PCUS.

A mensagem, apesar dos seus termos claros, amistosos e ilsongeiros para o nosso país, deu origem a todo um caso diplomático. Os círculos entreguistas do Itamarati foram tomados de pânico e de mau humor, optando para que a mensagem não fosse respondida. A pedido, entretanto, do presidente da República, o Departamento Político do ministério das Relações Exteriores — onde pontifica o remanescente fascista, que é D. Odete Carvalho e Souza — redigiu uma resposta à cortez mensagem soviética. A redação foi vazada em termos que o sr. Juscelino Kubitschek considerou grosseiros, e não



Presidente Kubitschek

regando um elemento de sua própria secretaria de elaborar outra redação, afinal aprovada.

Damos a seguir os textos da mensagem dos dirigentes soviéticos e a resposta enviada pelo presidente da República, para decepção dos entreguistas enquistados no Itamarati.

Eis a mensagem ao presidente Kubitschek:

«Em nome dos povos da União Soviética, permitam-nos, Sr. Presidente, cumprimentá-lo pessoalmente e transmitir ao povo do Brasil sinceros votos de felicidades e prosperidade no Ano Novo. Nas condições atuais adquire importância decisiva o problema de manter a paz, assegurar ao gênero humano uma vida tranquila e feliz, livrá-lo da sensação de intranquilidade pelo seu porvir e de seus filhos. Isto pode ser conseguido só graças aos esforços unidos dos Estados, esforços encaminhados ao desenvolvimento da colaboração frutífera entre eles sobre a base dos princípios da coexistência pacífica, que têm obtido atualmente uma ampla ressonância internacional.

Permitam-nos expressar a segurança de que o Brasil, que é um dos maiores países do mundo, fará sua valiosa contribuição aos esforços conjuntos dos Estados, com o objetivo de lograr estas nobres finalidades, que correspondem aos anseios de todos os homens.

Esta foi a resposta a Vorochilov, Bulganin e Kruschiov: «Apraz-me agradecer a Vossas Excelências a amável mensagem que dirigiram à Nação Brasileira, em nome dos povos da União Soviética ao ensejo das comemorações do Ano Novo.

Somos particularmente sensíveis às palavras com que Vossas Excelências se referiram ao Brasil, cuja atuação no âmbito internacional se tem inspirado, inalteravelmente, nos superiores ideais da paz, entre as nações, em vista do progresso material e espiritual da evolução civilizadora e do bem estar da humanidade.

Juscelino Kubitschek.»



Kliment Vorochilov

Comentário Político A VITÓRIA DO SR. MUNIZ FALCÃO CONFIRMA O ASCENSO DEMOCRÁTICO

O desfecho jurídico do caso Alagoano foi favorável ao governador Muniz Falcão. Não puderam os seus adversários alcançar o quorum necessário, no Tribunal misto, para determinar o afastamento definitivo do governador, forçando a deixar o seu cargo temporariamente por motivo de um fútil processo de "impeachment".

Não resta dúvida que o resultado do julgamento em Macaé confirma, com especial brilhantismo, a tese sobre as enormes possibilidades de ação democrática atualmente no Brasil. Contra o governador Muniz Falcão se coligaram as forças mais reacionárias de Alagoas e elementos tradicionais da usina de açúcar e do cangaço, apoiados no agrupamento de golpistas e entreguistas, que ocupa a alta direção da UDN. A eleição do Sr. Muniz Falcão resultara de um movimento autenticamente popular e o seu afastamento, após as estarrecedoras cenas de sangue em pleno recinto da Assembleia Legislativa, tomou o significado de um golpe profundo na democracia, de um episódio alarmante para todos aqueles que se interessam pela efetiva democra-

tização da vida política do país.

Apesar das condições desfavoráveis assim criadas, o sr. Muniz Falcão pôde vencer porque contou com o apoio das massas populares do seu Estado e da opinião democrática de todo o país. Foi este apoio que impediu o esbulho definitivo e fez valer as exigências da legalidade.

Retornando ao exercício legítimo do seu cargo, certamente ainda encontrará o sr. Muniz Falcão sérias dificuldades. A coligação reacionária continuará a conspirar e tentará praticar novas violências. Mas a situação agora se tornou nitidamente desfavorável para ela. Apoiado nas massas e em todos os setores da opinião pública favoráveis à legalidade constitucional, poderá o governador de Alagoas manter em seu Estado o clima de democracia que vinha existindo até os recentes e lutosos acontecimentos.

O retorno do sr. Muniz Falcão ao seu cargo é mais uma expressiva demonstração do ascenso democrático em curso no país. Este ascenso é às vezes detido pela reação, mas depois volta a prosseguir com maior ímpeto ainda.

Extemporâneo Medievalismo Policial

O NOVO PROCESSO DA POLÍCIA POLÍTICA CONTRA LUIZ CARLOS PRESTES — PROJETO DO CORONEL DANILO NUNES CONTRA A DEMOCRACIA

A simpatia com que foi recebido, no seio da opinião pública brasileira, o pedido de revogação da prisão preventiva decretada contra Luiz Carlos Prestes, é uma resultante necessária do próprio processo democrático em desenvolvimento no Brasil. A cada dia, novas são as conquistas do povo no campo do respeito a seus direitos democráticos, e a cada momento vai-se impondo a plena execução dos preceitos constitucionais garantidores das liberdades essenciais do homem. Daí esse movimento de opinião visando a liberdade de Prestes, e a sua livre participação, como qualquer outro cidadão, da vida política do país.

A ausência de Prestes do convívio da sociedade brasileira, por defender suas idéias políticas e filosóficas, constitui uma aberração em qualquer regime que se diga democrático.

A sua sequestração do seio do povo resulta, assim, não somente num atentado à Constituição, mas também em sério prejuízo ao rápido encaminhamento da solução dos problemas básicos da atual conjuntura político-social do país.

Tudo isto, reconhecido não só pelos comunistas e amigos de Prestes, mas por centenas de milhares de pessoas espalhadas por toda a nação, só é obscurecido por aqueles cujos interesses se colocam fora do país, ou fazem do «combate ao comunismo» uma das profissões mais rendosas que se conhece.

Justamente neste momento, o Departamento Federal de Segurança Pública acaba de encaminhar ao Juiz da 7ª Vara Criminal, mais um processo contra o camarada Prestes, no qual estão também incluídos diversos jornalistas da «Imprensa Popular». Tal processo se baseia, como o anterior, na divulgação do Pro-

grama do P.C.B., em 1955. documento já fartamente divulgado em todo o país em ocasiões anteriores. Processo absurdo, organizado completamente fora de época, e baseado em inexistente delito de opinião, a sua existência croca-se com o texto do artigo 141 da Constituição da República, e é repellido como uma excrecência pelo espírito democrático de nosso povo, ao tempo em que revela as intenções do Cel. Danilo Nunes de não respeitar os direitos constitucionais dos cidadãos por mais de uma vez contínuos, pela mais alta corte de justiça do país. Trata-se de um processo cujo objetivo precipuo é o de pressionar a Justiça.

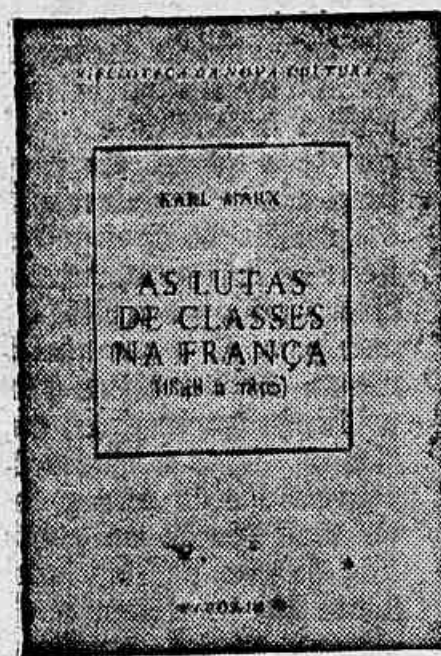
O que é mais grave, porém, é que aquele processo não surge como um acontecimento isolado. Aparece sob espalhafatosa divulgação de certa imprensa, e se faz acompanhar da entrevista do Cel. Danilo Nunes em que expõe seus planos para a realização de novos «crushes» contra as liberdades democráticas, sob o pretexto de combate ao «perigo comunista».

Sob a roupagem de novo D. Quixote, o Cel. Danilo Nunes resiste em curvar-se diante da realidade dos dias que vivemos, continua a descobrir perigos por toda parte, e recusa-se a recolher a sua lança ao museu das velharias. Daí anunciar o Diretor da Divisão de Ordem Política e Social o seu desejo de federalização da polícia especializada no anticomunismo, e preconizar uma reunião de policiais de todo o país, a fim de coordenarem sua ação em âmbito nacional, em mais uma campanha de violências e atentados aos direitos e franquias assegurados aos cidadãos.

Não resta dúvida que o aparecimento desse novo processo contra Prestes, nascido das entranhas asquerosas da Polícia Política, e a anunciada cruzada nacional contra o comunismo, representam o evidente intuito das forças entreguistas enquistadas no Governo, de amedrontar a opinião pública e pressionar a

Justiça brasileira, numa vã tentativa de impedir ou dificultar o aprofundamento do processo democrático em curso no país. Os juizes e o povo brasileiro são suficientemente conscientes de suas prerrogativas e não necessitam de tutores, muito menos daqueles que se locupletam das verbas secretas da Polícia Política.

Nas atuais condições do país, é ilegítimo que os desejos das forças que se ocultam por trás do chefe da Ordem Política e Social, estejam fadados a completo fracasso. Impossível remar contra a corrente. Entretanto, é indispensável a vigilância popular para garantir o pleno respeito aos direitos e liberdades constitucionais, e impulsionar para a frente a democracia brasileira.



UNIÃO DOS PAÍSES PRODUTORES DE CAFÉ

IMPORTÂNCIA DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL A SER INSTALADA NO RIO

A Conferência Internacional do Café, a instalar-se depois de amanhã nesta cidade, e da qual participarão representantes dos países latino-americanos produtores daquela rubiácea, reveste-se de excepcional importância para o futuro daquelas nações. Países que têm na produção cafeeira uma das peças básicas em que se assentam as suas economias, necessitam coordenar a sua ação para encontrarem, juntos, as soluções mais condizentes com os seus interesses, das dificuldades que afetam atualmente o mercado mundial do café.

Essa conferência objetiva, principalmente, estudar os meios de garantir a plena execução dos termos do acordo recentemente assinado no México — estabelecimento do preço mínimo para o produto e fixação das quotas de exportação para cada país produtor —, além das medidas indispensáveis à ampliação do consumo mundial daquele produto, com a conquista de novos mercados e desenvolvimento dos atuais.

A fixação do preço mínimo para o café, medida puramente artificial mas que atende, de imediato, aos interesses dos países produtores, não é do agrado das firmas importadoras dos Estados Unidos, país maior comprador de café do Brasil, Colômbia e outras nações. Isto, naturalmente, cria toda uma série de problemas para os países produtores, que serão debatidos naquele conclave. A União dos Produtores do Café é o melhor meio para enfrentar a pressão e as manobras das firmas lanques.

Por outro lado, o estabelecimento das quotas de exportação para os mercados consumidores tradicionais, abaixo das reais possibilidades dos países produtores, determina o não escoamento integral da produção exportável daquelas nações, problema que se agrava ainda mais com o crescimento da produção cafeeira.

O Brasil, em particular, enfrenta sérias dificuldades desta natureza. Cresce a produção, e as exportações são incapazes de dar-lhe total escoamento, resultando no acúmulo de grandes estoques de café em nosso país. Atualmente, calcula-se em mais de 6 milhões o número de sacas estocadas — mais de um milhão só no porto de Paranaguá — e justamente no momento em que nos preparamos para entrar em nova safra. Não são, dentro dos quadros atuais do mercado mundial do café, promissoras as perspectivas para países como o Brasil e a Colômbia, os maiores produtores de café do mundo. A Colômbia, compreendendo toda a gravidade da situação, está entabulando negociações com outros países, particularmente com a União Soviética, visando à conquista de novos mercados para o seu produto básico. Caminho esse que, certamente, terá também que seguir o Brasil.

Por tudo isto, pode-se facilmente sentir a grande importância que assume a próxima reunião de representantes dos países produtores de café. Desse encontro deverão sair resoluções comuns, capazes de garantir maior estabilidade à economia daquelas nações, com o escoamento em condições mais vantajosas de sua produção cafeeira.

tribuíram também para isto, indiretamente, as contradições interimperialistas no Brasil.

Avançamos assim, particularmente no domínio da siderurgia, na da extração e refinação do petróleo, etc. Mas ainda há muito o que fazer neste terreno. São enormes as dificuldades com que se vê a indústria para obter máquinas modernas e eficiente. No terreno dos metais não ferrosos, nossa indústria depende mais do exterior, especialmente dos Estados Unidos. Além de cobrar-nos os olhos da cara por estes produtos, interferem diretamente contra o desenvolvimento da produção destes metais no Brasil, como ocorre com o alumínio.

Por outro lado, a posição ainda quase monopolista dos Estados Unidos em nosso comércio externo impede-nos de obter preços compensadores para os principais produtos de exportação, bem como de desenvolver a maquinária para a indústria básica à medida de nossas necessidades.

Uma política externa independente se apresenta — pois — como afirmou com justeza o camarada Prestes — como um elemento essencial do progresso do país. Isso interessa tanto à classe operária, quanto a pequena burguesia, à burguesia nacional e a importantes setores de latifundiários, particularmente interessados na produção e exportação de café, algodão e cacau. As declarações de líderes de entidades dessas classes e camadas, destacando-se as do embaixador Oswaldo Aranha e do ministro Alkmin, que a imprensa publicou na última semana, em particular refletindo a repercussão alcançada pela entrevista de Kruschov a jornalistas brasileiros, comprovam perfeitamente o enorme interesse despertado em todo o país pelo assunto. Ainda agora, embora fazendo restrições, o sr. Juscelino Kubitschek reconhece que não é mais possível o Brasil continuar ignorando a União Soviética.

Nos seus 60 anos de vida, Luiz Carlos Prestes continua à frente da luta dos brasileiros pela emancipação nacional, por melhores condições de vida. Sua preocupação constante é a de indicar as formas e meios de avançarmos neste sentido. A indicação sobre a importância da conquista de uma política externa independente é — entre as muitas que apresenta em seu último artigo — de grande importância. Saudamos o camarada Prestes, certos de que nos meses e nos anos próximos continuará dando uma contribuição inestimável à vitória das lutas emancipadoras e democráticas de nosso povo.

NO DIA 3 de janeiro Luiz Carlos Prestes completou 60 anos, dos quais mais da metade totalmente dedicados à causa da libertação nacional e do bem-estar das massas. Chefe das forças populares em luta pela emancipação nacional, Prestes é ao mesmo tempo o militante marxista-leninista que se coloca inteiramente a serviço da classe operária e de seu partido.

Nos dias que atravessamos, uma das principais preocupações do camarada Prestes é contribuir para a correção dos erros e falhas do Partido. Desta maneira, procura o dirigente do Partido e do povo ganhar para uma justa posição diante dos problemas que interessam diretamente ao futuro do país os elementos que constituem a vanguarda das próprias lutas patrióticas e democráticas.

Há poucos dias, Prestes publicou um artigo em que discute questões de mais alta importância para o movimento nacionalista e democrático e para os militantes proletários do Brasil.

Uma das questões aí abordadas é a da importância que tem, para todo o desenvolvimento nacional, a conquista de uma política exterior independente pelo Brasil. «Na verdade», diz Prestes — a luta por uma política externa independente é, nas condições atuais do mundo e de nosso país, a premissa para que se possa conquistar a completa independência, a autonomia econômica do Brasil». E, adiante: «Nas condições atuais do mundo nosso dever de internacionalistas consiste em lutar por um governo que realize uma política exterior de paz e, internamente, de defesa da soberania nacional, das liberdades democráticas e progressistas».

Nossa história e os fatos da política internacional aí estão a confirmar a tese de Prestes.

Realmente, o desenvolvimento e o progresso do país estiveram sempre estreitamente vinculados à realização de uma política externa independente. Foi com a decretação da abertura dos portos, em 1808 e depois com a conquista da independência política, em 1822, que ganhou impulso o desenvolvimento econômico nacional. Com a liberdade de comércio com todos os países, pudemos desenvolver a produção siderúrgica e a indústria em geral, construir estradas de ferro, iniciar a navegação costeira e fluvial, estabelecer canteiros de construção naval, etc.

Com a pressão imperialista, desde os últimos anos do século XIX e especialmente

Saudamos o 60º Aniversário de LUIZ CARLOS PRESTES

J. Armando de CASTRO

depois da primeira guerra mundial, com a intensa penetração do imperialismo norte-americano, restringiu-se a liberdade de nosso comércio externo, deturpando-se ao mesmo tempo os rumos do desenvolvimento econômico nacional. Muito embora o país continuasse a gozar formalmente de independência política e pudesse negociar com todo o mundo, o aparecimento e a penetração no país dos gigantes monopolios norte-americanos restringiam substancialmente essa liberdade. E dessa forma também nossa incipiente industrialização viu-se atingida. Desapareceu naquele momento a indústria de construção naval e a siderurgia, algumas das ferrovias construídas por brasileiros passaram em grande medida para o controle de capitais imperialistas. De então para cá, a economia e o progresso nacional sofreram constantemente com a pressão imperialista norte-americana, que se manifesta em grande medida no controle de nosso comércio externo.

Os acontecimentos internacionais dos últimos anos também estão cheios de ensinamentos, a comprovar a tese de Luiz Carlos Prestes. Realmente, o processo da conquista da completa independência política e a realização de uma política externa independente abriram, nos últimos anos, os caminhos do progresso a grande número de países, como a Índia, a Indonésia, o Egito, etc. Isto se tornou possível também, devido à existência, hoje, de um poderoso campo socialista, que se dispõe a auxiliar fraternalmente o desenvolvimento desses países e apoiar com vigor as aspirações de independência e progresso dos seus povos. As conferências de Bandung e, agora, a do Cairo, ilustram de maneira bastante clara o que podem fazer os países

atrasados que realizam uma política exterior independente, em benefício do seu próprio progresso e do bem-estar do seu povo.

Hoje atravessamos no Brasil uma situação paradoxal. Nosso povo trabalha com energia, mas o valor unitário de nossos produtos de exportação ainda vêm caindo. Nossa balança de pagamentos é tradicionalmente deficitária, devido ao enorme volume de juros e lucros de empresas imperialistas norte-americanas estabelecidas, que até 1954 atingiram o número de 367, bem como os serviços (fretes, seguros, royalties) prestados por empresas da mesma origem. Oficialmente, as empresas imperialistas norte-americanas drenam para fora do país mais de cem milhões de dólares por ano dos seus lucros. O governo paga mais de 100 milhões de dólares de dívidas e juros por ano aos mesmos trustes. É uma verdadeira sangria do trabalho do povo. E agora, a própria balança comercial tornou-se deficitária, com a queda dos preços dos principais produtos de exportação — resultado das manobras bolsistas de Wall Street.

É evidente que isso se reflete na economia nacional através de um crescente desajustamento financeiro, de uma inflação acentuada, graças à qual as dificuldades das classes dominantes são no seu peso principal atirados sobre os ombros dos trabalhadores e das camadas médias. Tais fatores que representam sérios entraves ao progresso do Brasil ocorrem ainda principalmente por não termos uma política externa independente.

Através de vários anos de inauditos esforços o Brasil conseguiu dar passos no sentido do desenvolvimento industrial. Importante papel desempenhou nesta tarefa a interferência do governo no terreno da ampliação do mercado externo, na política tarifária protecionista, na luta contra a concorrência dos monopólios estrangeiros e na ajuda financeira direta e indireta ao capitalismo do Estado. Con-

GRANDES DECLARAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

Editorial do jornal chinês *Jemingpao* dedicado à Declaração da Conferência dos Representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas e ao Manifesto da Paz da reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários.

De 14 a 16 de novembro, em Moscou, realizou-se a reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários de 12 países socialistas. Depois, de 16 a 19 de novembro realizou-se a reunião de todos os representantes dos 64 partidos comunistas e operários que participaram das comemorações do 40º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro em Moscou. Nestas duas reuniões houve um intercâmbio de opiniões sobre questões da situação internacional contemporânea e do fortalecimento da unidade entre os partidos de diferentes países. Nestas reuniões foram aprovadas, unanimemente, a Declaração e o Manifesto da Paz. Isto representa um grande acontecimento na política mundial contemporânea, um acontecimento de grande importância na história do movimento comunista internacional.

Estas duas reuniões e os documentos nelas aprovados, infundem uma ilimitada fé e coragem nos corações das massas trabalhadoras que lutam pela libertação e dos povos amantes da paz de todos os países do mundo.

Os 12 partidos, que tomaram parte na reunião dos partidos comunistas e operários dos países socialistas, representam mais de um terço de toda a humanidade, representam os povos que são os senhores de seus países e constroem o socialismo. Juntamente com estes 12 partidos, assinaram o Manifesto da Paz, 18 partidos da Europa, 11 partidos da Ásia, 18 partidos do continente americano, 3 partidos da África e 2 partidos da Austrália.

AVANÇO DO SOCIALISMO E DECLÍNIO DO IMPERIALISMO

A nova unidade internacional no movimento comunista surgiu nas seguintes condições: a população dos países socialistas já constitui aproximadamente um bilhão de pessoas; além da República Popular da China, da República Democrática Popular da Coreia e da República Democrática do Vietnã, a população dos países que se libertaram há pouco do colonialismo e que conseguiram a independência nacional, ultrapassa de 700 milhões de pessoas; ao lado das duas categorias de países acima indicadas e dos países imperialistas a população dos países que hoje lutam contra o imperialismo e pela completa independência, e dos países capitalistas que têm uma tendência à neutralidade, constitui quase 600 milhões de pessoas; a população dos países imperialistas constitui ao todo um pouco mais de 400 milhões de pessoas, sendo de levar em conta que os países imperialistas são dilacerados por contradições. As contradições mútuas entre os países imperialistas, a cada dia, aguçam-se cada vez mais. Nos próprios países imperialistas amplas massas das classes exploradas e de pessoas amantes da paz desenvolvem mais e mais uma ampla luta contra a exploração e a política de agressão.

A nova unidade internacional do movimento comunista surgiu nas seguintes condições: o campo do socialismo, por seu ritmo de desenvolvimento econômico, superou, longe, o campo do imperialismo, e o primeiro e mais poderoso país socialista — a União Soviética, alguns dos mais importantes ramos da ciência e da técnica, já ultrapassou os EE. UU. — país capitalista mais desenvolvido. A grande conquista da União Soviética — o lançamento dos dois satélites artificiais da Terra — provocou entusiasmo nos povos de todo o mundo, e também, pavor e caos no bloco imperialista agressivo. A supremacia do sistema socialista manifestou-se de maneira tão evidente, que os americanos foram obrigados, agora, a lançar a palavra de ordem — alcançar a União Soviética.

Na Declaração e no Manifesto das duas reuniões citadas, é feita uma análise da situação internacional contemporânea e assinaladas as mudanças na correlação de forças na política mundial.

Na Declaração dos partidos comunistas e operários dos países socialistas é feita uma detalhada análise das profundas transformações históricas e dos radicais deslocamentos na correlação de forças na arena internacional a favor do socialismo, e é dada uma característica completa do ascenso do socialismo e do descenso do imperialismo. Na Declaração indica-se que as forças agressivas dos imperialistas americanos não são o «centro da reação mundial». «Com sua política, eles preparam por si próprios a morte, eles próprios erjam para si o covêlo, que os enterrarão». Fala-se na Declaração que «defendem a causa da paz poderosas forças da época atual: o inquebrantável campo dos estados socialistas, tendo à frente a União Soviética; os estados amantes da paz da Ásia e da África, que ocupam uma posição antiimperialista, formando juntamente com os países socialistas uma ampla zona de paz; a classe operária internacional e em primeiro lugar sua vanguarda — os partidos comunistas; o movimento de libertação dos povos das colônias e das semicolônias; o movimento de massas dos povos pela paz; a decidida oposição aos planos de organização de uma nova guerra por parte também dos povos dos países da Europa que declararam sua neutralidade, os povos da América Latina e as massas populares dos próprios países imperialistas. A união destas forças poderosas pode impedir a explosão da guerra, e se no caso em que os maníacos guerreiros imperialistas, apesar de tudo, ousarem desencadear a guerra, então o imperialismo se condenará à morte, uma vez que os povos não tolerarão mais o regime que lhes traz tão pesados sofrimentos e vítimas». «Atualmente, — assinala-se também no Manifesto da Paz, — nós, comunistas, dizemos que agora se pode impedir a guerra, se pode manter a paz. Nós dizemos isto com plena convicção, porque no mundo existe agora, outra situação, outra correlação de forças».

A Revolução de Outubro é um ponto radical de reviravolta na história mundial. Ela quebrou, de modo radical, a dominação mundial do capitalismo e abriu a nova época das revoluções proletárias. Depois disto, a vitória na guerra mundial antifascista, e em seguida a vitória da revolução chinesa foram ainda um importante ponto de reviravolta, que, consideravelmente, incrementou as forças do socialismo e enfraqueceu as forças do imperialismo. Atualmente, a situação

internacional entra em novo momento de reviravolta: as forças do campo socialista encabeçado pela União Soviética, superam de modo definido as forças do campo imperialista, encabeçado pelos Estados Unidos da América, não só pelo grau de sua influência nos homens e pela qualidade da população, mas, também, em muitos importantes ramos da ciência e da técnica. Como figuradamente disse o camarada Mao-Tsé-Tung, agora não é o vento do Ocidente que sopra sobre o vento do Oriente, mas é o vento do Oriente que sopra sobre o vento do Ocidente.

As forças do socialismo ultrapassam as forças do imperialismo, e isto já encontrou sua expressão numa série de fatos. Estes fatos consistem no seguinte: na segunda guerra mundial, a força fundamental que liquidou Hitler e que conseguiu a vitória sobre os agressores japoneses foi a União Soviética e não as forças unidas dos EE. UU. e Inglaterra; na guerra de libertação popular chinesa, foi vitorioso não Chiang Kai Chek ao qual, os Estados Unidos, prestaram tão grande apoio, mas o povo revolucionário da China; na guerra da Coreia, os voluntários chineses e o Exército Popular da Coreia rechaçaram das margens do rio Ialúttian para o sul, abaixo do paralelo 38, as chamadas forças da ONU, na base das quais encontravam-se as forças dos EE. UU.; no Vietnã, a República Democrática do Vietnã destruiu as forças armadas dos colonizadores franceses apoiadas pelos Estados Unidos; na luta do Egito em defesa de sua soberania sobre o canal de Suez, jogou um papel decisivo a advertência da União Soviética à Inglaterra, França e Israel, bem como o amplo protesto da opinião pública mundial; nos últimos tempos, na luta da Síria pela preservação de sua independência nacional, a advertência da União Soviética aos EE. UU. e a Turquia impediram a realização de seus planos agressivos iniciais.

Além disso, a decadência das forças imperialistas, também manifestou-se na saída da Inglaterra da Índia, da Birmânia, do Egito e de outras colônias, na saída da França da Indonésia e na saída da França de uma série de colônias na Ásia Ocidental e na África do Norte. Isto, incontestavelmente, é o resultado do duplo golpe no imperialismo por parte das forças socialistas e forças nacionais, que intervêm contra o regime colonial. A supremacia das forças antiimperialistas sobre as forças do imperialismo, manifestada em todos estes acontecimentos, encontrou sua expressão ainda mais concentrada e alcançou um nível sem precedentes graças ao lançamento dos satélites artificiais soviéticos, graças à unidade e à coesão que encontraram sua expressão nas duas reuniões dos representantes dos partidos comunistas e operários de diferentes países, realizadas em Moscou. Por isso se pode dizer que isto é um novo ponto de reviravolta na situação internacional.

O FUNDAMENTAL E O REGIME SOCIAL, A JUSTIÇA DA CAUSA.

Existem pessoas que examinam superficialmente os fenômenos, mas, não penetram na essência destes fenômenos, não acreditam na supremacia real das forças do socialismo sobre as forças do imperialismo. Eles dizem que a produção de produtos nos EE.UU., por ora é muito maior que na União Soviética. Mas, quem sabe, não poderão criar seu satélite artificial e o foguete balístico intercontinental e ainda outro. Essas pessoas não compreendem que a correlação de forças não se decide por uma quantidade de aço ou de outros produtos, mas pelo caráter do regime social. Na história frequentemente acontece que os fracos vencem os fortes, os desarmados vencem os armados até os dentes, porque ao lado destes fracos e desarmados está a justiça, porque eles representam a direção do movimento da história para a frente e expressam as exigências de desenvolvimento das forças produtivas. Alcançando sua unificação, podem conseguir vitórias sobre tais forças reacionárias armadas até os dentes, que externamente parecem fortes.

Quem tiver a verdade a seu lado, terá mais apoio. Quem tiver a inverdade a seu lado, terá menos apoio. O tempo, o socialismo é a verdade, a justiça é a tendência geral do desenvolvimento mundial. O nível de produção de algumas espécies de produtos em nossos Estados por ora, é ainda menor que nos Estados imperialistas, mas, porquanto não estamos interessados no socialismo, o regime socialista, mais determinadas forças materiais nos dão a possibilidade de ter a supremacia na correlação geral de forças. Como se dizia acima, quando da segunda guerra mundial, não foi a quantidade de aço ou de outros produtos, mas a possibilidade de ter a supremacia na correlação geral de forças. Como se dizia acima, a série de acontecimentos, será que os EE. UU. não tinham considerável supremacia na produção de aço e outras espécies de produtos em relação à União Soviética? Mas será que isto mudou os resultados destes acontecimentos? Os EE. UU. incontestavelmente, terão seu satélite artificial e o foguete balístico intercontinental. No entanto, o fundamental aqui consiste nos ritmos de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade. Os países socialistas, pelo ritmo de desenvolvimento, de há muito tempo, e, incontestavelmente, no futuro, irão sempre na frente. Se a União Soviética pode sobrepassar os EE. UU. em ramos da ciência e da técnica, enquanto que ela não alcançou os EE.UU. na produção per capita, então no futuro, do ponto de vista da tendência geral, a superioridade da União Soviética inevitavelmente mais e mais se acentuará. Os EE. UU. conseguirão qualquer coisa, no entanto, a União Soviética irá ainda mais longe. Além disso é necessário ter em conta que ao lado da União Soviética, desenvolvem-se também rapidamente outros países socialistas com uma população de aproximadamente 800 milhões de pessoas.

Em seu informe dedicado ao 40º aniversário da Revolução de Outubro o camarada Khrushchev disse que em 15 anos, a União Soviética, ultrapassará os Estados Unidos na produção per capita. Poderá acontecer que em algum período, ou um pouco maior, a China poderá alcançar ou sobrepassar a Inglaterra na produção de aço e de algum outro importante produto industrial. Então o campo socialista del-

xará ainda mais para trás o campo imperialista na competição pacífica.

OS POVOS DISPÕEM DE FORÇAS PARA IMPEDIR A GUERRA

Alguns dizem que, a reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários, em seu Manifesto, fez um apelo à defesa da paz, à coexistência pacífica, então porque não deu tão grande atenção à correlação de forças? Nós comunistas, sempre nos manifestamos pela paz. No entanto, a paz só pode ser conquistada, ela não pode ser conseguida por suplicas. Os imperialistas absolutamente não têm em conta o povo. Eles reconhecem somente a força. Houve na história, muitas guerras de agressão. Estas guerras não surgiram de modo algum, como resultado de que as forças dos povos que lutavam contra a guerra e que se submetem à agressão fossem extraordinariamente grandes. Ao contrário, os agressores puderam desencadear a guerra somente porque eles não fizeram tudo o que intencionavam. Em último caso, era o que pensavam. Os comunistas, com todas as forças que têm em conta a guerra. Tal posição encontrou sua expressão concentrada no Manifesto da Paz, tal apelo de paz que foi aprovado por 64 partidos. Quando os comunistas exigem paz para o mundo exigem a realização da coexistência pacífica entre o socialismo e o capitalismo, exigem a realização de conversações num nível superior entre o Oriente e o Ocidente, com o objetivo de abolir a guerra. Os imperialistas americanos abertamente lançam a palavra de ordem:

a preparação para a guerra e tentam utilizar isto para o fortalecimento do controle sobre todos os países pertencentes aos blocos militares ocidentais. Em tais condições será que não está suficientemente claro, quem está pela paz e quem está contra a paz? Será que não é evidente, que não se pode implorar a paz aos agressores?

Como e onde se encontra a paz? Os aprovados nas duas reuniões de Moscou, a particularidade da situação atual consiste em que os povos têm poderosas forças, suficientes para a supressão da guerra e em defesa da paz. É somente no caso em que nesta luta possam conservar a unidade e manter-se constantemente vigilantes.

O Manifesto mostra a modificação na correlação de forças precisamente para, incutir nos povos a ideia de que a paz, para, de maneira convincente, chamar as amplas massas e obrigar os blocos agressivos imperialistas a abandonarem seus perversos planos de guerra.

NOVA ETAPA NA HISTÓRIA DO MOVIMENTO COMUNISTA

Os dois documentos chamam os povos de todo o mundo a realizar a unidade internacional. A Declaração da Conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas indica-se que, a coesão dos partidos comunistas e operários dos países socialistas é o núcleo de uma coesão ainda mais ampla. Incontestavelmente, abriram uma nova etapa da coesão internacional do movimento comunista.

Os ritmos de desenvolvimento da história frequentemente ultrapassam aquilo que os homens esperam. Em 1866, em Genebra, no primeiro congresso da Primeira Internacional, 60 delegados do congresso representavam somente 25 organizações partidárias então existentes na Inglaterra, França, Suíça e Alemanha. Até a traição pela Segunda Internacional, das posições proletárias revolucionárias, ampliavam-se as fileiras do movimento operário-internacional, mas isto limitava-se à Europa e aos Estados Unidos da América. A Terceira Internacional favoreceu o desenvolvimento do movimento comunista internacional em todo o mundo. No entanto, até a segunda guerra mundial em todo o mundo existiam ao todo somente 43 partidos comunistas que contavam em suas fileiras mais de 3 milhões e cem mil membros. Agora, na reunião de Moscou tomaram parte representantes de 64 partidos não contando uma série de partidos que não puderam participar na reunião devido ao impedimento por parte da reação. A quantidade total de membros dos partidos comunistas em todo o mundo já ultrapassou 33 milhões. É mais importante o fato de que os partidos comunistas já tomaram o poder em suas mãos e realizam a construção do socialismo não somente na União Soviética mas também, em toda uma série de outros países. Nalguns países capitalistas os partidos comunistas também já se tornaram uma poderosa força política de massas.

As reuniões de Moscou, pelo nível de solidariedade, não só ultrapassaram o que já houve em qualquer época, no movimento comunista internacional, mas também deram uma grande contribuição para o fortalecimento desta solidariedade mediante a generalização da experiência do movimento comunista internacional, acumulada nos últimos cem anos, particularmente nos últimos quarenta anos.

Na Declaração dos partidos comunistas e operários dos países socialistas, minuciosamente examina-se a base político-ideológica desta solidariedade. Na Declaração elucidam-se o princípio do internacionalismo nas relações mútuas dos países socialistas, elucidam-se suas posições — posições de ocasião e de ajuda mútua. Na Declaração ocupam bastante espaço a elucidação da ligação mútua entre a verdade universal do marxismo-leninismo e as particularidades nacionais dos diferentes países; da necessidade da difusão e aplicação do materialismo dialético no trabalho prático e não somente nos campos da filosofia; da essência de classe e das raízes históricas do revisionismo; da existência nos países socialistas da luta nas duas frentes — a luta contra o capitalismo e a luta contra as formas de passagem dos países do capitalismo ao socialismo; da importância da criação da frente única na luta pela paz, pela independência nacional, pelo socialismo e pela construção socialista. A justa elucidação destas questões tem enorme importância tanto teórica como prática.

A conferência dos partidos comunistas e operários não cogitou de criar uma organização internacional para a Terceira Internacional e com o último Bureau de Informação, pois que, nas condições atuais, não existe tal necessidade. No entanto, a Conferência resolveu que nas atuais condições, ao lado dos encontros de dirigentes e o intercâmbio de informações mútuas em bases bilaterais, é conveniente, na medida da necessidade, realizar reuniões mais amplas dos partidos comunistas e operários para discussão dos problemas (Conclui na 10ª página)

LOCAR EM TERMOS...

...sabem e que querem e conhecem as possibilidades reais do mercado socialista, defendem o imediato restabelecimento de nosso comércio normal com aqueles países.

Não é possível tirar-se justas conclusões sobre as possibilidades daquelas mercados, baseado apenas nas trocas esporádicas, e indiretas que se vêm realizando com a União Soviética. O estabelecimento de trocas normais entre os dois países, criaria as condições indispensáveis para, em tempo relativamente curto, podermos usufruir as enormes possibilidades de consumo dos mercados socialistas.

3 — A URSS INAUGUROU NOVO TIPO DE RELAÇÕES ENTRE OS ESTADOS

A União Soviética, como país socialista, da mesma forma que as repúblicas populares da Europa e da Ásia, inaugurou e vem pondo em prática um tipo de relações comerciais completamente novo na história da humanidade. O socialismo não tem como objetivo de sua existência o lucro, e não coloca no centro de suas relações com outros países a obtenção de vantagens em prejuízo dos povos daqueles países. A experiência tem demonstrado que a URSS, em suas relações com outras nações, tem procurado ajudá-las desinteressadamente em seu desenvolvimento econômico independente.

União Soviética concedeu a diversos países da Ásia e África, uma ajuda econômica superior a dois bilhões de dólares, sob a forma de empréstimos a juros excepcionalmente baixos e longos prazos de amortização — 2,5% ao ano e prazos entre 12 e 20 anos. Recentemente, a URSS concedeu ao Egito um empréstimo de 700 milhões de rublos, destinados particularmente a setores básicos de sua economia, como a indústria petrolífera, onde se prevê a construção de oleodutos com capacidade de 1.500.000 toneladas, a instalação de uma refinaria, e modernização do serviço de transporte. Na Síria, também beneficiada com vultoso empréstimo soviético, técnicos da URSS estão ajudando a construção de importantes represas e usinas elétricas. Há pouco tempo, em Nova Deli, foi assinado um Acordo Indo-Soviético destinado à industrialização da Índia. Para a realização dos planos industriais do governo hindu, incluindo os da extração do carvão mineral e do petróleo, e a mineração do petróleo e a construção de uma grande usina siderúrgica, a URSS concedeu aquele país um empréstimo de 500 milhões de rublos, a juros de 2,5% ao ano, e amortizáveis no prazo de 12 anos.

Também outros países socialistas realizam esse tipo de relações, com diversas nações. A Alemanha Democrática montará na Síria, importantes centros para a industrialização de tabaco e instalará fábricas de cigarros, nos termos de recente acordo assinado entre os dois países. A Tchecoslováquia está promovendo a construção de usinas elétricas na Argentina. Aquel mesmo, no Brasil, a Polónia se propõe a construir grande usina siderúrgica, com capacidade para 800 mil toneladas de aço laminado por ano, e estrada de ferro Itabirito-Agra dos Reis, em Minas Gerais, além da abertura de uma mina de carvão no Estado de Paraná, tudo em bases estritamente comerciais e para ser pago a longo prazo, em mercadorias brasileiras, como minério de ferro, café, óleos vegetais, etc.

Além dos baixos juros desses empréstimos e o longo prazo para a sua amortização, a característica mais importante desses acordos comerciais é a de que a URSS, bem como os outros países socialistas, não exigem concessões de qualquer espécie dos países aos quais os mesmos são destinados. Em nenhum país do mundo existem usinas ou empresas de propriedade soviética. A URSS não faz investimentos em outras nações para ficar explorando os seus povos. Os investimentos, de tipo completamente novo, ficam sendo exclusiva propriedade dos povos dos países onde são feitos, e seus resultados são revertidos exclusivamente em benefício do desenvolvimento econômico dos mesmos.

Por tudo isto podemos avaliar facilmente as enormes vantagens que poderemos obter estabelecendo relações comerciais com a União Soviética e outros países socialistas. O Brasil tem encontrado mil e uma dificuldades para impulsionar, de maneira in-

dependente, o seu desenvolvimento econômico. Os seus mercados tradicionais de crédito — os Estados Unidos —, têm criado obstáculos visando a impedir ou dificultar a concretização daquele processo. Lembramo-nos dos termos da carta-testamento do ex-presidente Vargas, onde afirma-se, entre outras coisas, que a Eletrobrás vinha sendo obstaculizada ao desespero. Lembramo-nos da construção da Estação radiotelegráfica de Sarapuí e da indústria de Alcañis, cujas obras há anos vinham sendo dificultadas por grupos econômicos norte-americanos.

Naturalmente, o estabelecimento de relações comerciais normais entre o Brasil e a União Soviética, abriria novas perspectivas para o nosso desenvolvimento econômico, contribuindo para um maior ritmo de nossa industrialização. O nosso caminho é o que vem seguindo a Argentina, e o que pretendem seguir a Colômbia e o Chile, para não falarmos em países de outros continentes.

Recepção a Parlamentares Franceses



O camarada P.P. Lobanov, presidente do Soviet Supremo da URSS ofereceu uma recepção a uma delegação do Conselho da República Francesa, que visitou a União Soviética. Na foto, o senador Jacques Debus-Bridel, chefe da delegação francesa, quando discursava durante a recepção (Foto TASS).

INIQUA DECISÃO...

(Conclusão da Pág. Central)

sentem na própria carne os efeitos da carestia de vida e da política financeira inflacionista do atual governo.

INTENSA AGITAÇÃO DOMINA SÃO PAULO

Tão logo tomaram conhe-

cimento dos resultados da sessão do T. S. T., os operários paulistas iniciaram manifestações enérgicas de descontentamento e decepção ante a sentença tipicamente patronal daquele órgão superior da justiça trabalhista. A assembleia intersindical realizada no domingo último, dia 12 de corrente, foi seguida da

convocação de dezenas de assembleias, por parte dos respectivos sindicatos, às quais caberia referendar a decisão tomada em fins do ano passado e que fixava a data de 15 de janeiro para deflagração de nova greve, em caso de redução no aumento de 25%.

Em reunião especial, decidiu o Pacto de Unidade Intersindical lançar um manifesto aos trabalhadores, aos estudantes e ao povo de São Paulo, definindo sua posição diante da nova situação criada pelo T. S. T. Diz esse documento, entre outras coisas:

«O Pacto de Unidade Intersindical dirige-se aos trabalhadores e ao povo de São Paulo, para manifestar a sua opinião e lamentar a decisão do T. S. T., dando provimento aos recursos dos empregadores nos julgamentos do T. R. T., neste Estado, nos processos de dissídios coletivos dos gráficos, têxteis e metalúrgicos, reduzindo de 25 para 18% e estabelecendo tetos. Essa infeliz decisão, que deixou estareçada e causou a mais profunda revolta nos meios operários, revelou o seu verdadeiro caráter, atendendo à pressão patronal, revogando uma decisão, sem apresentar um único argumento que justificasse tal medida. Limitou-se apenas a reduzir a percentagem e a estabelecer o teto nos três dissídios, obedecendo a uma razão que foge aos elementares direitos de justiça».

«Empresa por empresa, fábrica por fábrica, realizaram os dirigentes sindicais intenso trabalho de esclarecimento junto aos locais de trabalho. Em caso de greve, cerca de um milhão de operários deveria cruzar os braços: metalúrgicos, têxteis, gráficos, trabalhadores em curtumes, papel e papelão, mestres e contramestres, construção civil — estas serão as grandes categorias afetadas pelo julgamento do T. S. T.»

ESTÁ EM MÃOS SEGURAS A BANDEIRA DE MARX E LÊNIN

FALA SOBRE OS ENCONTROS DE MOSCOU O CAMARADA J. HENDRICH, SECRETÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA DA TCHECOSLOVÁQUIA

O camarada J. Hendrich, secretário do CC do Partido Comunista da Tchecoslováquia, interveio, numa reunião dos ativistas, da região de Pirajá, a respeito da Conferência dos Partidos Comunistas e Operários em Moscou.

Referindo-se à situação internacional, o camarada Hendrich afirmou que a tarefa do Partido Comunista e de todo o povo da Tchecoslováquia consiste na luta contra o imperialismo alemão, que é o mais importante e fiel aliado dos círculos imperialistas dos Estados Unidos na Europa, representando uma ameaça direta para a Tchecoslováquia. O Partido Comunista sempre afirmou que um grande papel pertence aos partidos comunistas dos países vizinhos da Alemanha no que se refere à criação de uma ampla frente de todas as forças democráticas e progressistas da Europa.

Tratando do movimento operário internacional, afirmou o camarada Hendrich que os êxitos alcançados pelos países do campo socialis-

ta se deviam antes de tudo à sua unidade. Para a unidade dos partidos comunistas e operários dos países tanto socialistas como capitalistas deve e continuará a ter grande importância o fato de que o movimento revolucionário mundial possui um firme centro. Este centro é o Partido Comunista da União Soviética.

J. Hendrich assinalou a necessidade de uma luta decidida contra o revisionismo e o dogmatismo. Frisou a importância dos documentos elaborados nos encontros de Moscou, a necessidade de levá-los às massas como instrumento de educação ideológica, declarando, ao encerrar: «As conversações de Moscou mostraram convincentemente a invencibilidade das idéias do comunismo. Mostraram que a bandeira de Marx e Lênin se encontra em mãos seguras».

DO PC DE ISRAEL A LUÍZ CARLOS PRESTES

Por motivo do seu 60º aniversário, o camarada Luiz Carlos Prestes recebeu a seguinte mensagem dos comunistas do Estado de Israel:

«Enviamos ardentes saudações e os melhores votos fraternais ao camarada Prestes, por ocasião do 60º aniversário do Cavaleiro da Esperança, líder amado do povo trabalhador do Brasil».

O Comitê Central do Partido Comunista de Israel.

Leia
A TEORIA MARXISTA DO CONHECIMENTO
De M. Rosental

Teoria e Prática

O SUFRÁGIO UNIVERSAL E SUA UTILIZAÇÃO PELO PROLETARIADO

F. ENGELS

O PRIMEIRO grande serviço que os operários alemães prestaram à sua causa consistiu no simples fato de sua existência como Partido Socialista, que superava a todos em força, em disciplina e em rapidez de crescimento. Mas além disso prestaram outro: fornecer a seus camaradas de todos os países uma arma nova, uma das mais afiadas, ao lhes mostrar como se utiliza o sufrágio universal...

Já o "Manifesto Comunista" havia proclamado a luta pelo sufrágio universal, pela democracia, como uma das primeiras e mais importantes tarefas do proletariado militante e Lassalle tornara a tratar dessa questão. E quando Bismarck se viu obrigado a introduzir o sufrágio universal como único meio de interessar as massas do povo nos seus planos, nossos operários tomaram imediatamente a coisa a sério e enviaram Augusto Bebel ao primeiro Reichstag Constituinte. E desde aquele dia, utilizaram o direito de sufrágio de tal modo que lhes trouxe incontáveis benefícios e serviu de modelo para os operários de todos os países. Para dizê-lo com as palavras do programa marxista francês transformamos o sufrágio universal "de moyen de duperie" que a até "instrument d'emancipation" — de meio de engano que havia sido até então, em instrumento de emancipação. E embora o sufrágio universal não tivesse trazido mais vantagens que aquela de permitir-nos fazer um balanço de nossas forças cada três anos; e de acrescentar em igual medida, com o aumento periodicamente constatado e inesperadamente rápido do número de votos, a certeza no triunfo dos operários e o terror de seus adversários, convertendo-se com isso em nosso melhor meio de propaganda; e de informar-nos com exatidão sobre nossa força e a de todos os partidos adversários, fornecendo-nos assim o melhor instrumento possível para calcular as proporções de nossa ação e acatando-nos igualmente contra a timidez inoportuna e contra a temeridade extemporânea; mesmo que não obtivéssemos com o sufrágio universal mais vantagens do que essas, isso bastaria e sobaria. Mas ele nos deu muito mais. Com a agitação eleitoral, forneceu-nos um meio excepcional para entrar em contacto com as massas populares, ali onde elas ainda estão distantes de nós, para obrigar todos os partidos a defender perante o povo, em face de nossos ataques, as suas idéias e os seus atos; e, além disso, abriu para os nossos representantes no Parlamento uma tribuna, do alto da qual podem falar a seus adversários na Câmara e às massas fora dela, com uma autoridade e uma liberdade muito diferentes daquelas que se tem na imprensa e nas reuniões. De que serviu ao governo e à burguesia sua lei contra os socialistas, se as campanhas de agitação eleitoral e os discursos socialistas no Parlamento, abiziam constantemente brechas na mesma?

No entanto, com esse emprego eficaz do sufrágio universal, entrava em ação um método de luta do proletariado, inteiramente novo, método de luta que continuou a desenvolver-se rapidamente. Viu-se que as instituições estatais, nas quais se organiza o domínio da burguesia, oferecem novas possibilidades à classe operária para lutar contra essas mesmas instituições. E se tomou parte nas eleições para as dietas provinciais, para os órgãos municipais, para os tribunais industriais, disputou-se à burguesia cada posto, para cujo preenchimento juntava sua voz uma parte expressiva do proletariado. Deu-se assim o caso de que a burguesia e o governo chegassem a temer muito mais a situação legal do que a atuação ilegal do partido operário, mais os êxitos eleitorais que os êxitos insurreccionais.

(Trechos da Introdução escrita por Engels em 1895 para a obra de Marx "As lutas de classe na França")

C.M.T.C. de São Paulo: Sua História e Seus Problemas

Na capital de São Paulo, a C.M.T.C. (Companhia Municipal de Transportes Coletivos), constitui uma verdadeira potência. Seus problemas afetam à imensa maioria da população paulistana, de mais de três milhões, que se serve de seus ônibus e de seus bondes, para locomover-se através da grande metrópole, maior centro industrial do país.

A C.M.T.C. emprega muitos milhares de pessoas, que vivem dos salários que paga a Companhia. Dentro dela e em torno dela realiza-se também uma política intensa, que vai desde os bastidores da Câmara Municipal até a Prefeitura e isso vem impedindo que se realize na C.M.T.C. uma administração que atenda aos interesses do povo de São Paulo e às reivindicações justas de seus empregados.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Em 1945, era revogado pelo Ministro José Linhares, no exercício da Presidência da República, o decreto-lei que prorrogava o acordo com a Light, para continuar com o serviço de carris. Era criada, nessa ocasião, a C.M.T.C., a 13 de agosto de 1946, com o capital inicial de 250 milhões (hoje monta a 500 milhões).

A maior acionista é a Prefeitura (51% — ou 265 milhões); em seguida vem o Estado (29% ou 135 milhões) e depois a Light (12% ou 60 milhões, como forma de indenização que até hoje não foi paga). As empresas particulares de ônibus foram encampadas, na época, e entraram com 8% das ações, equivalentes a 40 milhões de cruzeiros.

Assinado o contrato, em janeiro de 1948, sendo prefeito o Sr. Paulo Lauro, era concedido o prazo de 30 anos, prevenindo-se que, dessa forma, estariam salvaguardados os interesses da população paulistana. No entanto menos de dois meses após o início das atividades da C.M.T.C., as tarifas sofriram uma elevação; os bondes, majoração de 150% e os ônibus, tinham as seções eliminadas, e os preços fixados uniformemente em 1 cruzeiro. Em 1953, sendo prefeito o Sr. Jânio Quadros, houve novo aumento das tarifas: 100% para os bondes e 50% para os ônibus. Em 1955, sendo prefeito o Sr. William Salem, eram elevados os preços dos ônibus para 2,00. Com Piza na prefeitura, houve novo aumento dos transportes coletivos — 100% de aumento nos bondes e 75% nos ônibus.

Vemos assim que a principal finalidade com que foi organizada a C.M.T.C. — servir ao povo com transportes baratos e livrá-lo da ganância das empresas particulares — não foi atendido.

QUEM DIRIGE A C. M. T. C.

A Diretoria da C. M. T. C., de nomeação do prefeito depende diretamente da política realizada pelo governo municipal e a posição por ela assumida diante dos problemas que afetam os transportes, varia com a mudança dos governos.

Em 10 anos de existência, teve a C. M. T. C. nada menos de 17 superintendentes nomeados pelos vários prefeitos que teve São Paulo nesse período de tempo — isto é, a média de quase 2 superintendentes por ano.

Em fins de 1957, possuía a companhia cerca de 13 mil funcionários, assim discriminados: 60 da administração superior; 131 técnicos; 1.195 nos serviços burocráticos; 7.316 nos serviços de bondes e ônibus; 3.451 na conservação e manutenção; 28 na zeladoria. Além desses existem ainda os inspetores de bondes e ônibus, fiscais, motoristas e condutores, cobradores e motoristas.

A SITUAÇÃO ATUAL DA C. M. T. C.

Possui a C. M. T. C. uma poderosa frota de bondes, ônibus, distribuída por 3 garagens, 3 estações de bondes;

4 oficinas de reparos; 6 repartições e escritório;

A rede rural de transportes abrange sistemas desde 1952. Em dezembro de 55 possuía em operação nas linhas 66 bondes; 177 ônibus e 4 troleibus — num total de 249 linhas. Em junho de 1957, esses números eram respectivamente 53, 171, 9 e o total de 233.

Por aí se vê que o número de linhas em fins de aumentar, diminuiu. Além disso, muitas linhas criadas em época de eleições desapareceram pouco depois.

É muito grande o número de veículos que se encontram guardados na garagem, fora do tráfego. Do total de 1224 ônibus há 739 em atividade, para atender a 171 linhas — os restantes 485 estão parados, por vários motivos.

Quanto aos bondes, em fins de 1957, era a seguinte situação: 315 bondes e 19 rebocadores em operação — 41 bondes parados e outros 6 aguardando suprimento.

Para se ter uma idéia da importância da C. M. T. C., no sistema geral de transportes da capital paulista, basta saber que em apenas um mês — janeiro de 57 — os bondes transportaram cerca de 23 milhões de pessoas, os ônibus — cerca de 30 milhões e as empresas particulares 75 milhões.

A Grande Empresa de Transportes Coletivos Deve Servir ao Povo Paulista e Atender às Reivindicações de Seus Milhares de Trabalhadores — Como é Malbaratado um Rico Patrimônio — A LIGHT e a CMTC — A Luta Para dar Nova Orientação à Empresa — As Reivindicações dos empregados da CMTC

Mas o aumento frequente dos preços das passagens vem determinando a diminuição do movimento de passageiros. Enquanto em janeiro de 1956 utilizavam dos serviços da C. M. T. C. mais de dois milhões de pessoas, em dezembro do mesmo ano esse número já baixara para 1 milhão e 700 mil.

AS DIVIDAS DA C.M.T.C.

A situação da C. M. T. C. no tocante a dívidas, é espantosa: apesar de que sua arrecadação em um único mês — julho de 57 — foi além de 147 milhões e meio de cruzeiros (15) porque a arrecadação vem diminuindo de mês para mês — são comuns as negociações.

Em fins de agosto do ano passado, as contas vencidas somavam quase 1 bilhão de cruzeiros e aquelas a vencer, atingiam a cifra elevada de 474 milhões. A dívida total somava 1 bilhão e meio. Em julho de 57, os compromissos da C. M. T. C., com os bancos do Estado e do Brasil já se elevam a 617 milhões de cruzeiros e, somente em juros, devia ela pagar em um mês a importância de 3 milhões de cruzeiros e, aos bancos particulares, devia a C.M.T.C., também em julho de 57, quase 15 milhões.

Também em relação aos Institutos de Previdência, não era boa a situação da C. M. T. C. Ela devia cerca de 424 milhões de cruzeiros — isso prova que, apesar de descontar em folha, do pagamento de seus empregados, a C. M. H. C., não deposita esse dinheiro.

Da situação de descabro em que se encontra a C. M. T. C., resulta o déficit mensal de cerca de 10 milhões de cruzeiros.

CENTENAS DE VEICULOS PARADOS

Grande parte da frota de ônibus da C. M. T. C., está enconstrada nas garagens, por falta de peças e à espera de conserto, apesar da capacidade e da eficiência das oficinas da empresa. Suas oficinas do Araguaia, no Canindé, possuem a capacidade de transformar 4 bondes abertos em bondes fechados (conhecidos por «camarões», por serem pintados de vermelho) em apenas um mês. As oficinas da Leopoldina estão aparelhadas e já fizeram várias



Por falta de peças e reparos, quatrocentos ônibus se encontram parados, enquanto a população sofre nas longas filas.

carrocerias para ônibus. No entanto, a C. M. T. C., acha mais fácil mandar dar à CAIO ou à GRASSI para reformá-los, ao mesmo tempo em que seu forno, inaugurado na gestão William Salem, está até hoje paralisado.

Todos os setores da C. M. T. C. encontram-se com parte de sua frota paralisada.

O setor de Barra Funda, por exemplo, que possui 185 carros, chegou a atender a 33 linhas. Hoje não atende mais.

SÃO BAIXOS OS SALÁRIOS

Os salários percebidos pelos empregados da C. M. T. C., são baixos. A média salarial do pessoal dos bondes não passa de cinco mil cruzeiros mensais. Os motoristas ganham Cr\$ 6.500,00 e os cobradores, têm o salário mensal de Cr\$ 5.500,00.

Existem na companhia motoristas que chegam a receber até 10 mil cruzeiros mensais, mas são obrigados a trabalhar de 12 a 14 horas por dia, fazendo «Carros extras».

Um setor da C. M. T. C., é o mais sacrificado: são os empregados da via permanente, que trabalha debaixo de sol e de chuva. Há casos de trabalhadores da via permanente, com 5 filhos, que não recebem mais de Cr\$ 4.500,00 mensais. Muitos operários

completam 26 anos de serviço e recebem apenas Cr\$ 5.300,00.

SUCEDEM-SE AS NEGOCIATAS

São comuns as denúncias feitas através da imprensa, das sucessivas negociações em que se envolve a C. M. T. C. Em 1956, por exemplo a Cia. abriu concorrência pública para a compra de 50 «papa-filas». Ganhou a Fábrica Nacional de Motores, na feitura dos «cavalos» e a CAIO e a GRASSI, para as carrocerias. No fim, a C. M. T. C. teve que pagar por cada «papa-fila» 1.900.000,00 cruzeiros, embora a empresa de ônibus particular de Guarulhos tivesse pago pelo mesmo tipo de «papa-filas» apenas 1.400.000,00.

Outras negociações envolvem a «invenção» de molas espirais, para substituir as molas originais. Essa «invenção» deu a seu inventor um cartão de prata e mais 50 mil cruzeiros em dinheiro — mas essas molas não duram mais que dois a três dias, quando não arrebentam o soalho do ônibus.

Por ocasião da compra de 100 ônibus «Mark», para a garagem Pompéia, um deles desapareceu misteriosamente e ninguém soube explicar.

Enquanto as empresas particulares aumentam suas frotas de ônibus, a C. M. T. C., vê diminuir as suas linhas que necessitam de 10 a 15 carros diariamente, funcionam apenas com 5 ou 6 outros funcionam com apenas dois ônibus por dia.

Diante da onda de protestos, a C. M. T. C., recorre a uma estranha «saída» entrega suas linhas a empresas particulares. Outra solução que a Cia. procura aplicar é a transferência das suas linhas de um setor para outro, prejudicando assim as populações de numerosos bairros. Com essa mudança de linhas, há mudança também dos funcionários. Os empregados são deslocados para longe de suas residências, havendo casos de trabalhadores que são obriga-

dos a se deslocar de 10 a 15 Kilômetros do local de sua moradia.

UMA TRADIÇÃO DE LUTAS DOS TRABALHADORES DA C. M. T. C.

São numerosas as reivindicações dos empregados da C. M. T. C. Uma das mais antigas é a classificação e o reajustamento do pessoal das oficinas, onde muitos mecânicos exercem a função de oficiais e só recebem como meio oficial ou ajudante.

Os trabalhadores dos bondes querem uniformes de inverno e de verão, bem como a liquidação da fiscalização secreta. Nos ônibus, a luta se trava pela jornada de 8 horas, pois ali se trabalha de 10 a 12 horas por dia.

Recentemente, conseguiram os trabalhadores que a Câmara Municipal desse uma subvenção de 300 milhões de cruzeiros, para aumento de salários. Mas o prefeito vetou o projeto e a Câmara aceitou o veto. Resultou daí que apenas 195 milhões serão gastos em salários e 110 milhões em outras despesas, embora o projeto inicial tratasse apenas da melhoria salarial.

Os empregados da C.M.T.C., estão organizados em três sindicatos: Condutores, Carris e Escritórios. Dispõem de um clube com 7 mil associados e de uma Sociedade Beneficente, que controla a Cooperativa dos Associados.

O PROBLEMA DE ENERGIA ELÉTRICA

Uma das maiores debilidades da C. M. T. C., deriva de um vício de origem muito propositadamente praticado, que a Light só entrega à C. M. T. C., as linhas de bondes e os veículos, conservando o monopólio do fornecimento de energia elétrica, cuja tarifa é das mais elevadas. A empresa imperialista desfez-se da parte menos lucrativa, que necessitava de gastos de renovação material, e ficou com a fonte de seus lucros mais gordos. Está claro que isto pesou desde a or-

(Conclui na 2ª página)

Aspecto do movimento previsto dos trabalhadores da CMTC, em maio de 1956

DETAHARÁ A GREVE NACIONAL DOS MARÍTIMOS

SE O GOVERNO NÃO ATENDER ATÉ A VÉSPERA, AS SUAS JUSTAS REIVINDICAÇÕES — AS REUNIÕES DA COMISSÃO INTERMINISTERIAL PARA A MARINHA MERCANTE

Dentre os vários movimentos que agitam hoje os meios trabalhistas em nosso país, destaca-se, por sua importância, o dos marítimos, que afeta a centenas de milhares de trabalhadores, numa das atividades vitais de nossa economia. Está prevista, para o próximo dia 21 do corrente, a deflagração de uma nova greve dos trabalhadores do mar, se até a véspera o governo não decidir sobre as reivindicações que há longos meses vêm sendo pleiteadas.

Sucessivas reuniões realizadas pela Comissão Interministerial para a Marinha Mercante, com a presença de representantes dos sindicatos operários e dos armadores. Desejam apenas os trabalhadores

que sejam efetivamente cumpridas as numerosas portarias, os decretos e as leis já aprovadas e que resguardam os seus direitos.

Em longo memorial, apresentado ao governo, enumeraram os marítimos as reivindicações que pleiteiam e, numa atitude de enorme tolerância, têm comparecido a todas as reuniões da Comissão Interministerial. No entanto, até agora, nada decidiu o governo. O ministro da Fazenda, sr. José Maria Aikmin, convocado por diversas vezes, não compareceu à Comissão.

Em vista disso, várias organizações sindicais já realizaram assembleias e decidiram a decretação da greve para o próximo dia 21 — entre elas

se incluem o Sindicato dos Oficiais de Náutica, dos Marinheiros, Talheiros, Foguistas.

A Comissão Interministerial, nomeada pelo Presidente da República, estava integrada por representantes dos Ministérios da Fazenda, Trabalho, Viação, Marinha. Depois de vários meses de reuniões infrutíferas, terminou a sua atividade, esta semana.

No longo memorial que fôra enviado pelos trabalhadores do mar ao governo, enumerando as suas reivindicações, constavam 61 itens. Dêles, muitos foram aceitos pela comissão. Outros, foram recusados ou adiados. Entre estes se inclui a questão da integração nos salários dos... 5.500 cruzeiros recebidos

pelos comandantes, a título de gratificação. Outros ainda exigem pronunciamento do DASP: incluem-se a contagem em dobro do tempo de guerra e o abono de emergência, a ser pago pelas autarquias

PROSEGUE A CAMPANHA

Aguardam agora os marítimos a decisão do governo a respeito de suas reivindicações e disso dependerá a posição a ser por eles adotada nos próximos dias. Alguns sindicatos já realizaram suas assembleias e estão decididos a recorrer inclusive à greve dos Oficiais de Náutica, dos Oficiais de máquinas e dos Motoristas e Condutores.

GRANDES DECLARAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

Atmosfera de intercâmbio das experiências, para a tomada de conhecimento das respectivas posições, para um acordo na luta conjunta pelos fins comuns — a paz, a democracia e o socialismo.

Através de consultas, a Conferência contribuiu para a

REFORÇARÁ A CAUSA...

(CONCLUSÃO DA PÁG. 2)

Impossível acreditar simultaneamente no mito da política de intimidação e tender de maneira eficaz ao desarmamento; quem faz a primeira não pode fazer a segunda destas coisas.

Enquanto não for possível chegar a um acordo geral sobre o desarmamento será necessário aproveitar todas as possibilidades de acordo parcial, limitado a certos gêneros de armamentos ou a certos territórios.

UMA CONFERÊNCIA SOBRE O PONTO MAIS NEUTRAL DA EUROPA

— Pode preclar o sentido da proposta feita à ONU por V. Excia. a 2 de outubro último. Isto é, no caso em que os Estados alemães se ponham de acordo para interdição da produção e o armazenamento de armas atômicas em seus territórios, a Polónia estaria pronta a aplicar a mesma medida a seu território? Que forma de acordo tem em mente e quais os meios para seu controle?

— A proposição polonesa visa a criar na oração da Europa uma zona que englobe a Polónia e a Alemanha (a Tchecoslováquia manifestou sua intenção de participar de um tal sistema) no qual a produção e o armazenamento das armas atômicas seriam impossíveis. Seria portanto, um acordo de alcance limitado, mas que se aplicaria à zona da Europa mais nevrágica e, ao mesmo tempo, aos gêneros de armas cujo emprego seria catastrófico para a civilização.

Se tal proposta fosse aceita, seria um sinal mais seguro de que uma divergência local ou mesmo um incidente não arrastariam imediatamente e automaticamente toda a Europa a uma grande guerra.

Enfim, a realização de nosso plano teria influência sobre o clima político da Europa e facilitaria um acordo mais amplo sobre o desarmamento. Contribuiria para afastar as novas ameaças de guerra fria, por consequência, a evitar a consolidação da divisão do mundo em blocos políticos hostis, o que não poderia ser desejado.

ACORDO SOBRE TODOS OS TIPOS DE ARMA ATÔMICA

— A proposta de V. Excia. objetiva somente as armas atômicas táticas ou se aplica também aos foguetes "de rádio de ação médio"?

— Nossa proposta refere-se a todos os tipos de armas atômicas nucleares, independentemente do seu material.

NOSSA PROPOSTA É LIMITADA, REALISTA

— A Polónia pronunciou-se várias vezes em favor da criação, na Europa, de uma zona de armamentos limitados e controlados. Poderia precisar seu ponto-de-vista a este respeito? Em sua opinião, quais os países que entrariam nesta zona? Qual a forma de controle a ser exercida e quais as garantias que se tem em mente, caso haja violação dos acordos por uma das partes?

— A Polónia pronunciou-se, antes de tudo, e pronuncia-se sempre a favor de um sistema de segurança coletiva, que englobaria toda a Europa. De resto, esta proposição foi formulada no artigo 1.º do Tratado de Varsóvia. As dificuldades ao cumprimento desse programa (assim como das propostas soviéticas de 17 de novembro de 1956 sobre o desarmamento e a redução da tensão internacional, as quais demos, igualmente, nosso apoio), assim como os insucessos da discussão na subcomissão de desarmamento das Nações Unidas, levaram-nos a buscar, entre outras, soluções mais modestas, compreendidas em nossa proposta de 2 de outubro último.

Nos quadros desta situação a proposta de 2 de outubro parece-me a mais realista e não seria justo ligá-la à questão complicada da zona de armamentos limitados.

É evidente que precisamos favoráveis à zona de armamentos limitados.

— Os países que fizessem parte dessa zona permaneceriam membros do Pacto do Atlântico e da Organização do Tratado de Varsóvia? Em caso contrário, como teriam garantida a sua segurança?

— As propostas de uma zona de armamentos limitados não impunham, pelo que sabemos, a obrigação de os Estados interessados abandonarem o Pacto do Atlântico ou o tratado de Varsóvia. O mesmo se aplica à nossa proposta de 2 de outubro último.

unidade de idéias dos partidos de diferentes países numa série de questões, o que também causará profunda e favorável influência na solidariedade internacional do movimento comunista.

O PAPEL DA UNIÃO SOVIÉTICA

A Conferência de Moscou, indicou papel da União Soviética como centro da solidariedade dos países socialistas. Isto tem enorme importância. Para a solidariedade é necessário um centro, um chefe. Enquanto que o campo do imperialismo recusa-se à coexistência pacífica e por todos os meios tenta minar os países socialistas e o movimento comunista mundial e ameaça à toda a humanidade com novos planos de guerra, para o campo do socialismo — baluarte da paz em todo o mundo — e para as fileiras do comunismo de diferentes países — é particularmente importante compreender esta verdade. O papel da União Soviética como centro de coesão é um fator objetivo formado historicamente não premeditado por alguém. A União Soviética é o primeiro e mais poderoso Estado socialista do mundo, o Partido Comunista da União Soviética tem a experiência relativamente mais completa, mais rica e mais comprovada pelas mais duras provas. O fortalecimento da unidade do campo socialista, encabeçado pela União Soviética, o fortalecimento da coesão do movimento comunista internacional, que tem como centro o Partido Comunista da União Soviética, corresponde não somente aos interesses dos povos dos países socialistas, aos interesses do proletariado internacional, mas também aos interesses da causa da paz e do progresso em todo o mundo, aos interesses de toda a humanidade.

As duas reuniões, que expressam a grande unidade internacional dos partidos comunistas e operários, se realizaram no período de uma grande reviravolta, na política mundial, viragem a favor do socialismo e de todas as forças antimperialistas. E a realização destas reuniões conduzirá por sua vez a um considerável incremento das forças dos países socialistas e do movimento comunista internacional, ao incremento considerável das forças das amplas massas populares em sua luta pela paz, pela democracia e pela independência nacional. Os históricos êxitos destas duas reuniões são um evidente contraste às crescentes contradições do campo do imperialismo. O futuro do mundo pertence ao povo, pertence ao socialismo. Apesar das tentativas dos imperialistas e dos reacionários de todos os países em frear o movimento da história, o movimento ascendente da história é tão inevitável como a rotação de nossa Terra!

SUA HISTÓRIA E SEUS...

gem sobre a empresa municipal e ainda continua pesando.

O problema da rentabilidade da C. M. T. C., está

UMA EMPRESA PARA SERVIR AO POVO

A C.M.T.C. tem sido até aqui um centro de intensa política e de defesa de interesses de pequenos grupos, em prejuízo da grande e laboriosa população da capital de São Paulo e de seus milhares de trabalhadores. Mas essa situação pode acabar. O povo paulista conseguirá, através das denúncias vigorosas dos erros e negociatas da direção da C. M. T. C., que esta venha a ser realmente uma empresa a serviço do povo, bem administrada, e não de adreçar transportes

pois, ligado, em certa medida, a uma solução nacionalista da questão da energia elétrica em São Paulo.

eficientes e baratos, capaz de resolver ela mesma os problemas de conservação e renovação de seu material e além disso, de salvaguardar os legítimos direitos de seus milhares de trabalhadores.

O que vem sucedendo à C.M.T.C., constitui valiosa experiência para o povo paulista, que pode fazer o balanço da atuação de prefeitos e vereadores, julgando-os nos pleitos eleitorais e escolhendo aqueles que possam administrar e legislar no interesse do povo.

REVISÃO DOS NÍVEIS DE SALÁRIO MÍNIMO

Começa a ganhar vulto entre os vários setores do proletariado brasileiro, o debate em torno da questão dos níveis de salário-mínimo, que vem sendo mantidos há quase dois anos — a última revisão foi feita ainda em maio de 1956.

Dirigentes sindicais de importantes categorias, como os têxteis e os metalúrgicos, já se têm pronunciado pela imprensa sobre a necessidade urgente de nova revisão, em face da elevação incessante do custo de vida. Abre-se inclusive a possibilidade de articulação de grande campanha nacional, através da criação de um poderoso pacto intersindical, a ser firmado pelas organizações sindicais dos maiores Estados da Federação, a começar pela coordenação do movimento sindical do Rio e de São Paulo.

As grandes lutas das massas trabalhadoras, durante todo o ano de 1957 e os novos movimentos que se desencadeiam por todo o país neste começo de 58, são uma prova mais que evidente que já não é mais possível a um trabalhador viver com os níveis salariais vigentes. Os índices de custo de vida, como revelam as próprias estatísticas oficiais, vêm sendo utilizados pelos representantes sindicais como argumento mais convincente em suas campanhas por aumento salarial.

No movimento que agora se inicia pela revisão dos salários mínimos deverão desempenhar importante papel as Comissões de Salário Mínimo, cujo prazo de renovação se aproxima e para cujas eleições poderão ser indicados, ou reconduzidos, trabalhadores que mereçam a confiança de seus companheiros de trabalho. A escolha dos vogais dessas Comissões e o seu efetivo funcionamento, desde já, contribuirão sem dúvida para que a questão dos novos níveis de salário mínimo venha a ser amplamente debatida pelas diferentes categorias profissionais e se possa chegar assim a um acordo, sobre as propostas a serem apresentadas.

A necessidade da revisão salarial foi há pouco reconhecida publicamente pelo vice-presidente da República, João Goulart, no discurso que dirigiu aos trabalhadores, na solenidade de posse da nova diretoria da C. N. T. I. Disse ele textualmente: «O fortalecimento da indústria nacional é uma necessidade cada dia mais imperiosa. Dêse fortalecimento advirão melhores lucros. Mas é preciso que os patrões não esqueçam os trabalhadores, que merecem salários mais compensadores, a fim que não vivam na miséria!»

PREPARA-SE A GREVE NA ANTÁRTICA

Os Trabalhadores Enfrentam As Intimidações Da Empresa na Luta Pelos 35 Por Cento

Prossegue no Distrito Federal a luta dos trabalhadores em bebidas, empregados da poderosa Companhia Antártica, vítimas da recente provocação policial da empresa, na sede do Sindicato da categoria e da qual resultou a morte de um operário e ferimento de dezesseis outros.

Apesar de todo o espírito conciliatório revelado pelos trabalhadores, os patrões vêm-se mantendo numa injustificável intransigência. Nas várias mesas-redondas convocadas pela Justiça do Trabalho, os empregadores persistem em sua atitude hostil e a negar qualquer acordo com os empregados. Diante disso, tudo indica que a greve, marcada para 19 do corrente, se tornará inevitável, se até lá não for concedido o aumento de 35%, aumento esse que já vem sendo pago pelas outras empresas.

Será esse mais um contingente que virá incorporar-se à

luta salarial que se estende atualmente por todo o país como protesto contra o encarecimento do custo de vida e as difíceis condições que enfrentam as massas trabalhadoras.



Correspondência

A BATALHA DA DIFUSÃO

Não estamos eufóricos, nem os êxitos nos subiram à cabeça, mas não é possível deixar de consignar o substancial aumento da receita, verificado em dezembro: duas vezes mais que a média dos recebimentos em meses anteriores. Assim foi possível fazer frente à parte do plano de pagamentos dos compromissos em atraso e melhorar e regularizar os compromissos do mês. Isto só foi possível porque: 1) as agências em Ponta Grossa, Maringá, Mandaguai, Londrina, Cordeiro, Araçuaí, Jequitinhonha, Montes Caros, Poços de Caldas, Patos de Minas, Distribuidora Riachuelo e muitas outras, saldaram seus débitos; 2) agências pagaram metade ou mais da metade de seus débitos: Assis, Araxá, Araxá, Araxá, Araxá, Botucatu, Birigui, Bauru, Bálamo, Campinas, Franca, Itapetininga (JCV), Itapetininga, Mangaratá, Limeira, Neves Paulista, Pres. Prudente (CS), Pres. Prudente (JA), Rio Claro, S. J. dos Campos, S. J. B. Vista, Foz de Iguaçu, Bom Despacho, Gov. Valadares, Itatuna, Itatuba, Juiz de Fora (JB), S. J. Nepomuceno, Ponte Nova, Barra Mansa, O. Macacu, Iambara, Rio Verde, Vitória, Cuiabá, Lhéus, Salvador, Mossoró, Maracás, Sergipe, João Pessoa, Fortaleza (CF), Barra Mansa (RG); 3) porque a partir da 1ª quinzena de dezembro, contamos com os novos recibos decorrentes do aumento do preço do exemplar de Voz Operária. Além desses fatores, podemos consignar uma melhoria apreciável nos pagamentos do interior, mais numerosos e mais regulares. Quanto ao D. F., é justo salientar o rumo das vendas nas bancas dos jornaleiros e o pagamento integral das quantidades destinadas aos agentes particulares. Mas se conseguimos esses êxitos, não devemos esquecer que as dificuldades ainda são grandes e que é indispensável manter e mesmo elevar o nível dos pagamentos e da difusão da Voz, a fim de que o nosso jornal disponha de recursos imprescindíveis a melhoria de sua apresentação gráfica e possa apresentar variedade de matérias e notícias por colaboradores especializados e correspondentes, quando não em todos, pelo menos nos centros mais importantes.

Até hoje, não faltaram a colaboração e ajuda dos agentes de Voz Operária. nos nossos empreendimentos. E não nos faltará ainda agora, pois o de que se trata, é de fazer um jornal mais atraente, melhor apresentado. E para isso precisa-se de dinheiro.

Reconhecemos de toda justa as críticas dos nossos agentes

I Semana Nacionalista em Terezina

TEREZINA (Do correspondente). — Promovido pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Piauí realizou-se no dia 15 ao dia 23 de dezembro do ano findo a I Semana Nacionalista de Terezina, denominada pelos seus organizadores, Semana da Defesa da Petrobrás. Uma série de conferências foram proferidas no Centro Cultural dos Moços Católicos e em vários bairros, acompanhadas da exibição de filmes sobre a atividade da Petrobrás. A "Semana" foi encerrada no dia 23, com um ato público no Teatro "4 de Setembro". A Semana Patriótica foi prestigiada por destacadas personalidades do Estado, a começar pelo governador do Estado, que presidiu o ato de encerramento da Semana, pelo dr. Agenor Almeida, prefeito desta capital e pelo Arcebispo D. Avelar Brandão Vilela, além de parlamentares e outras autoridades.

Com a realização da I Semana Nacionalista, tomou mais impulso, em Terezina, a luta em defesa das nossas riquezas minerais. Espera-se para breve a organização de uma frente nacionalista local.

JOVENS DE S. PAULO — O próximo número 457 publicará a reportagem sobre a juventude de S. Paulo.

Quanto à "Terra Livre" ao que sabemos está há muito tempo com sua circulação suspensa. Isso é tudo o que podemos informar.

De nosso correspondente em Barretos (SP), recebemos dados sobre conferência realizada na Câmara Municipal daquele município e uma assembléia da Associação dos Lavradores, local em novembro do ano passado. Em razão de atraso no recebimento e terem os mesmos caráter puramente noticioso, deixamos de publicá-los.

DE B. A. DA COSTA — Manaus — recebemos denúncias contra o sr. Moisés Israel gerente da "Serraria Redoto", que arbitrariamente mandou queimar as roupas de trabalho de dezenas de operários, por encontrá-las estendidas nos fundos da serraria. Volte a escrever com maior detalhe. Muito grato.

PAGAMENTOS: DE R\$150 A 15.158: Cornélio, Procópio, Cam-



pinga Grande, Taubaté, Campo Grande, Ponte Nova, Itapetininga (JM), Curitiba, Barra Mansa, Nova Lima, Belo Horizonte, Campos, São Paulo e Juiz de Fora.

MOGI DAS CRUZES — Aguardamos os dados para a reportagem prometida.

FATURAMENTO — Está completo e já foram expedidas todas as faturas de dezembro, que devem ser pagas até o fim do mês, a fim de evitar uma possível interrupção nas remessas de jornais.

NOVA AGENCIA: DADOS AUMENTOS — (CFV) mais 66 por cento. Campos mais 15 por cento.

AGENCIA RESTABELECIDAS: Nova Lima.

NOVO ASSINANTE: Estação de Moeda (MG).

AGENCIAS SUSPENSAS: S. J. Caiubi, Cambará, Barra de Pirai (JS), Várzea de Teresópolis, Ataleia, Cambuquira, Gr. Ca. Monte Carmelo, Atibala, A. Machado, Camoá, M. C. Paulista, Draçena, E. Oeste, Fernandópolis, Guaratinguá, Itapetininga (JCB), Saito, Taubaté, Tupã, Pompéia (MMR), por falta de contato há mais de 2 meses.

POSTA RESTANTE: DISTRITO FEDERAL: De um grupo de leitores recebemos um pedido para denunciar a furocracia das repartições Públicas, Federais e Municipais e exigir uma jornada de 8 horas de trabalho para todos os funcionários, bem como punição para os funcionários reatados e recontratados que a burocracia e os funcionários reatados existem e pre-

do engronar indistintamente todos os funcionários neste rol quando sabemos que existem (e são a maioria) os funcionários honestos, trabalhadores. Tomar uma atitude como a que propõe aquele grupo de leitores, seria sem nenhuma razão, nos colocar contra milhões de funcionários espalhados por todo o país, que também contribuem para a grandeza nacional.

FRANCISCO ANTONIO OJUVAV. Rio Claro. Recebemos a sua carta datada de 22 de dezembro de 1957. As observações nela contidas, referentes a "Notícias de Hoje" devem ser feitas diretamente ao jornal. Deixamos de publicar o que não pode, em virtude de ser uma notícia de caráter muito local e sobretudo já superada. Muito grato.

E.B. GASPARI — Bauru: Sua sugestão é interessante. Não digo uma campanha isso não é possível, mas abordar com mais insistência o problema das terras improdutivas e do plantio do capim. Esperamos que nos mande dados e informações para reportagens. Enquanto isso estudaremos a possibilidade de mandar um repórter ao local.

COMÍCIO NACIONALISTA EM MANGARATU

MANGARATU (Município de Nova Granada, S.P.) — No dia 22 do dezembro último, realizou-se neste distrito, um comício nacionalista, patrocinado pela Comissão Organizadora da frente nacionalista em Mangaratú. Assistiram ao comício grande número de simpatizantes, arrendatários e demais trabalhadores agrícolas da região.

Entre os oradores que falaram no comício estavam os srs. Mário Pires vereador do município de Barretos e Francisco Sanches Nunes, presidente da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Mangaratú.

Todos os oradores em seus discursos, abordaram os problemas nacionalistas gerais, sem esquecer entretanto aqueles problemas que mais de perto interessam aos trabalhadores do campo. Assim, é que foram também debatidos os problemas da baixa do preço do arrendamento dos preços compensadores para os produtores agrícolas e o da redução dos impostos para os pequenos proprietários.

O comício constituiu-se num grande êxito das forças nacionalistas de Nova Granada.

VOZ OPERÁRIA

Director-Responsável
Mário Alves
MATRIZ:
Av. Rio Branco, 257, 17º and. s/ 1712 Tel. 42-7344
ASSINATURAS:
Anual 150,00
Semestral 80,00
Trimestral 50,00
Núm. avulso 3,00
Núm. atrasado 5,00
Acerca de subscrever e de mudar de endereço, consulte o nosso prospecto em mãos.

POR QUE EXISTE "JUVENTUDE TRANSVIADA" Um livro estarrecedor escrito por educadores A Educação Norte-Americana em Crise

A VENDA NAS LIVRARIAS ATENDEMBOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL.

PEÇA HOJE MESMO

VITÓRIA Ltda
Rua Juan Pablo Duarte N.º 50, sub. Rio de Janeiro

HOMENAGENS A PRESTES



A Sucursal de "Notícias de São Paulo, comemorou festivamente o 60º aniversário do camarada Luiz Carlos Prestes. Na noite do 3 de janeiro reuniu em sua sede amigos, companheiros e admiradores do grande líder popular, para assinalar a efeméride.

Saudando o aniversariante, falou o ex-deputado federal por São Paulo, Pedro Pomar que destacou o papel e a importância da personalidade de Prestes nas lutas de nosso povo pela sua independência, progresso e bem-estar. Em seguida foi servida uma mesa de doces. O clichê fixa um aspecto da solenidade, quando falava Pedro Pomar.

MENSAGENS ENVIADAS

Por ocasião do transcurso de seu 60º aniversário natalício, recebeu Luiz Carlos Prestes telegramas e mensagens de felicitações das seguintes pessoas:

- Jayme Garbelotto, de Lages; Heitor, do D. F.; José Duarte, José Duarte Pelegrina, Izabel Pelegrina, Duarte e Lead Duarte Pelegrina, de São Paulo; Arnoldo Rosa, de Lages; Justo Machado, de Uberaba; João Walter, de Montes Claros; Raquel e Noe Gertel, de S. Paulo; Clodomiro Cezimbra Annes, de Cruz Alta e Joaquim Teixeira, de Juiz de Fora.

Recebeu ainda mensagens das seguintes organizações:

- Comitê Regional do PCB do Espírito Santo;
- Conferência do Comitê de Zona do PCB de Bauru;
- Comitê de Zona do PCB de Teresópolis - Plantio;
- Ferrovários da Sorocabá

EXIGEM O PAGAMENTO DO REPOUSO SEMANAL OS TRABALHADORES DE PEDREIRA SÃO PEDRO

PELOTAS (Do correspondente). — O Delegado Regional do Ministério do Trabalho precisa voltar suas vistas para o que se passa na Pedreira São Pedro, de propriedade do sr. Leovegildo C. Costa. Ali as leis trabalhistas são hurladas e prejudicados os interesses dos trabalhadores. O sr. Leovegildo, além de não pagar os domingos e feriados, como manda a legislação trabalhista, aproveita-se do menor pretexto para roubar, ainda mais os salários dos trabalhadores. Por exemplo: se começa a chover uma hora antes do término da jornada de trabalho, o sr. Leovegildo manda suspender o trabalho e no dia de pagamento deixa de incluir a hora que faltou da jornada e não paga o repouso semanal.

trabalhadores são respeitados. Não fica aí, porém, a exploração do sr. Leovegildo Costa. Este cidadão desrespeita, também, a lei do salário mínimo, sob a alegação de que seus empregados ganham por tarefas. Entretanto, nem o preço dessa tarefa corresponde ao salário-mínimo local, nem a firma fornece aos graniteiros, matéria prima suficiente para que eles produzam o suficiente para atingir o salário-mínimo.

Tal situação levou a que vários trabalhadores protestassem contra essa exploração e reivindicassem o pagamento dos domingos e feriados. Por isso foram demitidos e os demais trabalhadores foram também ameaçados de demissão caso quizessem receber o repouso semanal.

A disposição dos trabalhadores é não abrir mão do seu direito mesmo que tenham de recorrer à Justiça do Trabalho.

A DITADURA PRO-IANQUE DE JIMENEZ EM CRISE

UM BREVE HISTÓRICO DA PENETRAÇÃO DOS TRUSTES IANQUES

A VENEZUELA conta atualmente com cerca de 6.000.000 de habitantes, e sua capital, Caracas, com 600.000. Pátria de Simon Bolívar, a Venezuela conquistou sua independência política em 1830.

A Venezuela é um país de subsolo riquíssimo, particularmente em petróleo e minério de ferro.

Durante o negro período da ditadura do General Gomez, que se prolongou desde 1908 até a morte do tirano, em 1935, tiveram início as concessões aos trustes do petróleo, preponderando a princípio o imperialismo inglês (Royal Dutch Shell). No período que se seguiu, inclusive no governo constitucional de Isaias Medina, intensificou-se essa política entreguista, já agora com preponderância norte-americana (Standard Oil e Gulf Oil). Foi ainda durante esse governo que se aprovou o famoso código de petróleo, que foi mais tarde a fonte inspiradora do famigerado projeto de «Estatuto do Petróleo», no Brasil, derrotado por nosso povo em memorável campanha.

Quando em 1947 o ovo venezuelano logrou levar ao poder o governo progressista do grande escritor Romulo Gallegos, derrotando fragorosamente nas eleições o candidato oficial, já estava a Venezuela praticamente transformada em semicolônia dos trustes de petróleo, ocupando a posição, que até hoje mantêm, de segundo produtor mundial. O petróleo passara a constituir mais de 90% das exportações do país, e a economia nacional já estava a tal ponto desorganizada que parte substancial da alimentação do povo era importada dos Estados Unidos.

O governo Romulo Gallegos foi um breve e luminoso período na longa história de exploração e opressão de que tem sido vítima o povo da Venezuela. Foram restabelecidas as liberdades democráticas, e várias medidas progressistas foram tomadas, inclusive algumas que, embora timidamente, visavam a limitar a ação dos trustes petrolíferos. Desenvolveu-se o movimento sindical, principalmente entre os trabalhadores da indústria do petróleo. Iniciou-se um surto cultural, e a política internacional da Venezuela começou a encaminhar-se para uma posição de relativa independência.

Os trustes do petróleo, cujas posições na economia venezuelana não haviam sido, no fundamental, afetadas, e que dispunham de considerável poder de corrupção e de poderosas alianças políticas com os setores mais reacionários da classe dominante, manobravam rapidamente a fim de impedir que esse processo de desenvolvimento prosseguisse.

A 24 de novembro de 1948, Romulo Gallegos foi deposto por um golpe militar, estabelecendo-se uma junta militar, substituída em 1952 por um dos seus membros, o então coronel Marcos Perez Jimenez, proclamado «presidente provisório». Desde 1948 estabeleceu-se novamente na Venezuela uma ditadura a serviço dos monopólios norte-americanos. Todas as liberdades democráticas foram suprimidas, o movimento sindical violentamente perseguido, o Partido Comunista e o Partido da Ação Democrática, ao qual pertencia Romulo Gallegos, colocado na mais completa ilegalidade. Campos de concentração foram criados no país, como o de Guasima,

A DISTORSÃO DA ECONOMIA VENEZUELANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A 29 de abril último, muitas pessoas honestas surpreenderam-se com uma patética proclamação do monsenhor Rafael Arias, arcebispo de Caracas, na qual essa alta autoridade eclesiástica afirmava: «Imensa parte do nosso povo vive em condições que não podem qualificar-se de humanas». Ao mesmo tempo o repórter norte-americano Tad Szulc, do «New York Times», fazia revelações estardalosas sobre a brutalidade da repressão policial e a absoluta ausência de liberdade na Venezuela, denunciando o desbarato da receita pública em obras como o mais luxuoso hotel da América Latina, que constituem verdadeira escárnio em face de uma população miserável e de camponeses famintos». A surpresa revelada por essas pessoas explica-se: é que na mesma ocasião os jornais cinematográficos exibiam vistas de espetaculares obras de engenharia que estavam sendo reali-

zadas em Caracas e na estrada de rodagem Maiquetia-Caracas, como prova de grande prosperidade do país «graças aos royalties entregues ao governo pelas companhias do petróleo».

Durante os últimos quinze anos, a população rural da Venezuela diminuiu a ritmo acelerado, passando de 62% da população total a apenas 46%, no ano de 1956. A primeira vista isto poderia parecer sintoma de desenvolvimento industrial do país. No entanto, não houve tal desenvolvimento, e as estatísticas mostram que o pequeno número de indústrias de bens de consumo, surgidas nesse período, está muito longe de poder absorver nem ao menos a quarta parte dos camponeses que foram obrigados a abandonar o campo. Na realidade, a Venezuela, de país de economia agro-pecuária, transformou-se em país de economia mineira (principalmente petróleo e minério de



Jesus Faria, líder dos operários do petróleo da Venezuela, encarcerado já há sete anos. A sua liberdade é reclamada por toda a América

ferro), dependente da indústria extrativa e de exportações de produtos primários nela obtidos. Além disso, a completa ausência de qualquer reforma agrária, a importação de gêneros alimentícios dos Estados Unidos e as condições inauditas de miséria no campo, e a ruína e pauperização de pequenos e médios camponeses, tem provocado o exodo de milhares de camponeses para as cidades, em busca de «experiências» econômicas que aliviem sua miséria. A produção agrícola de gêneros alimentícios essenciais à população tem assim a cair continuamente. E em Caracas, ao lado das obras suntuárias de Perez Jimenez, são visíveis as misérrimas, miseráveis, e estúpidas obras do Rio de Janeiro, sobre as colinas que circundam a cidade. O consumo de carne por habitante, que era muito superior, está, segundo a última Convenção Nacional de Criadores de Gado, a menos de 24 quilogramas por habitante por ano, e a desnutrição do povo venezuelano assume características alarmantes, constituindo o país uma das vergonhosas «marachas de fome», segundo os estudos da FAO (v. José Castro, «Geopolítica da América»).

Choca-se violentamente com esse quadro de miséria e atraso econômico a política de obras suntuosas, de fachada, realizada nos últimos anos pelo ditador Perez Jimenez. Já nos referimos ao mais luxuoso hotel da América Latina e à monumental estrada de rodagem Maquetia-Caracas, na qual se está construindo a «maior ponte do mundo». Uma grande e magestosa avenida foi aberta no centro de Caracas, com monumentos dignos de antigo marajá indú. São obras destinadas aos turistas e à satisfação do exibicionismo do ditador. Proporcionam além disso oportunidades excepcionais para negociatas, beneficiando altos funcionários e membros da «clique» político-militar que cerca o governo. Essas obras são executadas por empresas norte-americanas, com materiais e equipamentos importados dos Estados Unidos que assim recebem de volta boa parte dos dólares deixados como «royalties» de petróleo. O governo venezuelano figura

além cada vez mais como pensionista dos trustes: em 1956 o produto dos royalties pagos pelas companhias de petróleo já representava cerca de 70% da receita total do governo, cuja dependência em relação aos trustes e à sua política de produção e exportação é assim completa.

Ao lado da distorção econômica e da miséria, assistimos ao mais completo desprezo pela educação do povo, cuja maioria é constituída de analfabetos. Sucodem-se os choques do governo com a Universidade, que já tem sido fechada mais de uma vez, o que força os jovens que o podem fazer a irem estudar no estrangeiro. As despesas militares crescem de ano para ano, sendo intenso o armamentismo no país, inclusive com a criação de uma forte marinha de guerra.

Em todo esse quadro, em linhas gerais, suportáveis condições de vida para o povo da Venezuela, a implementação dos projetos de Perez Jimenez, e a política de Resistência

Resistência Venezuelana à Ditadura a Situação de Crise

DURANTE todo esse período de opressão e violência tem sido admirável a resistência do povo venezuelano. Lutando em condições difíceis, as forças populares e progressistas da nação armá estão conseguindo reunir numa série de ações comuns todos os setores políticos, sociais e econômicos interessados no restabelecimento das liberdades democráticas e da legalidade constitucional. Desde agosto de 1957 formou-se uma Junta Patriótica que agrupa em seu seio, sem exceção, todas as correntes unitárias em luta contra a ditadura. Em novembro, verificaram-se as primeiras manifestações públicas violentamente reprimidas pela polícia, e que foram seguidas de uma greve estudantil e da ocupação da Universidade pelo governo. A farsa eleitoral («plebiscito» sobre a continuação do atual «presidente da República»), realizada em dezembro, não teve o menor resultado, e a 1ª de janeiro verificou-se o levante militar que deu início à atual crise política, que constitui na verdade a agonia da ditadura de Jimenez.

A HEROICA LUTA DOS COMUNISTAS VENEZUELANOS

Em todos esses anos de duras lutas democráticas deslanchou-se a atuação da classe operária, e de seu Partido, o Partido Comunista da Venezuela. O líder máximo dos operários venezuelanos, o dirigente comunista Jesus Faria, tornou-se o símbolo da resistência popular. A 6 de novembro último completou ele sete anos e meio de cativeiro no campo de concentração de Ciudad Bolívar. Privado de qualquer contato com seus amigos e parentes, impedido de receber qualquer correspondência e de ler jornais, Jesus Faria mantém apesar disso com moral elevado, exemplo permanente para a classe operária na luta infatigável pela independência nacional de seu país.

Jesus Faria foi encarcerado por exigência do Departamento de Estado norte-americano, sem julgamento e sem ao menos qualquer acusação concreta. Por meio de maus tratos e condições insalubres tentou a ditadura liquidá-lo fisicamente, e sua vida tem permanentemente sob ameaça constante. Não fora a campanha de solidariedade e protesto desenvolvida em todo o mundo, nos últimos anos, e certamente Jesus Faria já teria sido assassinado por seus algozes, como aconteceu a centenas de outros líderes operários e patriotas.

O PARTIDO DE AÇÃO DEMOCRÁTICA

Na resistência à ditadura Jimenez, tem se destacado o Partido de Ação Democrática, liderado pelos ex-presidentes Romulo Gallegos e Romulo Bettancourt, agora exilados. Partido que engloba os elementos progressistas da burguesia, da pequena burguesia e da intelectualidade, o seu prestígio popular e significativo e crescente. Sobre a força do recente plebiscito, declarou Gallegos, que é um dos maiores romancistas latino-americanos:

«O presente caso da Venezuela revela uma determinação brutal de institucionalizar a tirania, audácia que somente se explica como repercussão tardia dos movimentos nazifascistas como demonstração da arrogante incultura do ditador venezuelano, da qual se fazem eco entusiasta os áulicos letrados».

O CLERO CATÓLICO CONTRA A DITADURA

Também tomou posição con-

tra a ditadura o clero católico chefiado por monsenhor Arias, arcebispo de Caracas, que chegou a ser ameaçado de expulsão do país em virtude de uma raiosa Carta Pastoral. A pressão policial atingiu os sacerdotes, diversos dos quais foram detidos ou postos sob vigilância.

O dr. Rafael Caldera, professor universitário e principal dirigente do partido social-cristão, se encontra questrado há vários meses. Recentemente foi trasladado para a prisão de San Juan los Morros, onde já se encontrava outro dirigente daquele partido, o dr. Lorenzo Erazo.

PELA RECONQUISTA DA DEMOCRACIA

Atualmente, a ditadura Jimenez entrou em crise aberta. Para se salvar, o ridículo ditador se viu forçado a afastar o ministro do Interior, Václav La Lanz, e o odiado chefe de Segurança Nacional, o sanguinário Pedro Estrada. Essas modificações, entretanto, não alteram o caráter da ditadura. O povo venezuelano se bate cada vez mais pela reconquista das liberdades democráticas, pela anistia dos presos políticos, pela formação de um governo que assegure a realização de eleições num clima de garantias necessárias, as correntes políticas. Neste sentido é que se atuando a Junta Patriótica, organização de ampla fronteira única.

Agora que a ditadura venezuelana está oscilante e próxima de seu fim, é ainda mais necessário que as forças populares e progressistas de todo o mundo intensifiquem essa campanha de solidariedade e exprimam por todos os meios seu apoio ao novo Venezuela. Com o crescente desprestígio e a incapacidade revelada pela ditadura já se rece o claro que Perez Jimenez está sendo abandonado e posto de lado por seus patrões norte-americanos. Já está gas não mais pode reatualizar suas exigências. Erro dos monopólios norte-americanos possam a qualquer momento deixar de sustentar Jimenez, favorecendo a sua substituição por um elemento menos comprometido com a opinião pública do país, é claro que a simples queda da ditadura Jimenez e o restabelecimento de uma legalidade constitucional são conquistas positivas, e favorecerão a continuação do processo democrático na Venezuela.



Jimenez vive os últimos dias de sua ditadura

Declaração da Conferência dos Representantes dos Partidos Comunistas e Operários dos Países Socialistas

Realizou-se, em Moscou, de 14 a 16 de Novembro de 1957, uma Conferência de representantes dos Partidos Comunistas e Operários dos países socialistas. Reproduzimos a seguir o texto integral da Declaração da Conferência.

OS REPRESENTANTES do Partido Albanês do Trabalho, do Partido Socialista Unificado da Alemanha, do Partido Comunista da Bulgária, do Partido Comunista da China, do Partido do Trabalho da Coreia, do Partido Operário Socialista da Hungria, do Partido Popular Revolucionário da Mongólia, do Partido Operário Unificado da Polónia, do Partido Operário da România, do Partido Comunista da Tchecoslováquia, do Partido Comunista da União Soviética e do Partido dos Trabalhadores do Viet-Nam discutiram na Conferência os problemas atuais da situação internacional e da luta pela paz e o socialismo, bem como as questões das relações entre eles.

A troca de opiniões mostrou a unidade de pontos de vista dos partidos comunistas e operários representados na Conferência em todas as questões examinadas e a sua unanimidade na apreciação da presente situação internacional. Nas discussões da Conferência foram também abordados os problemas gerais do movimento comunista internacional. Os participantes da Conferência, durante a elaboração do projeto de Declaração, fizeram consultas aos representantes dos partidos irmãos dos países capitalistas. Os partidos irmãos, que não participaram da Conferência, apreciarão as considerações expressas na referida Declaração e por si mesmos resolverão como conduzir-se diante dela.

O CONTEÚDO fundamental de nossa época é a transição do capitalismo ao socialismo, iniciada pela Grande Revolução Socialista de Outubro na Rússia. Agora, mais de um terço da população de todo o mundo — acima de novecentos e cinquenta milhões de homens — entraram no caminho do socialismo e constroem a nova vida. O enorme desenvolvimento das forças do socialismo estimulou o tempestuoso crescimento do movimento nacional antiperficialista no período de após-guerra. Durante os últimos doze anos, além da República Popular da China, República Democrática do Viet-Nam e República Popular da Coreia, mais de setecentos milhões de homens também se libertaram do jugo colonial e criaram os seus Estados nacionais soberanos. Os povos dos países coloniais e dependentes, que ainda permanecem na escravidão, incrementam a luta pela sua libertação nacional. O desenvolvimento do socialismo e do movimento de libertação nacional acelerou vigorosamente o processo de decomposição do imperialismo. Sobre a maior parte da humanidade o imperialismo perdeu o antigo domínio. Nos Estados imperialistas, a sociedade é dilacerada por profundas contradições de classe, bem como por agudas contradições entre aqueles Estados; quanto à classe operária desses países, cada vez mais decididamente se opõe à política do imperialismo e dos monopólios, luta pelo melhoramento das suas condições de vida, pelos direitos democráticos, pela paz e o socialismo.

Em nossa época, o desenvolvimento mundial é determinado pelo curso e pelos resultados da competição entre os dois sistemas sociais opostos. Num período de quarenta anos, o socialismo demonstrou que, como sistema social, supera de longe o capitalismo. O socialismo assegurou o desenvolvimento das forças produtivas em ritmos jamais vistos e inatingíveis para o capitalismo, assegurou o ascenso do nível de vida material e cultural dos trabalhadores. Os grandes êxitos da União Soviética no terreno da economia, da ciência e da teoria, os resultados atingidos pelos outros países socialistas na construção socialista, indicam convincentemente a grande vitalidade do socialismo. Nos Estados socialistas, as massas trabalhadoras gozam de verdadeiras liberdades e de direitos democráticos, o poder popular assegura a unidade política das massas populares, põe em prática a igualdade e amizade entre as nações, aplica uma política exterior de defesa da paz em todo o mundo e de ajuda à luta libertadora dos povos oprimidos. O sistema socialista mundial, que se desenvolve e se fortalece, exerce uma influência cada vez maior na situação internacional, no interesse da paz, do progresso e da liberdade dos povos.

Se o socialismo se encontra em ascenso, já o imperialismo segue o caminho da decadência. As posições do imperialismo foram consideravelmente enfraquecidas como resultado da decomposição do sistema colonial. Os países que se desvencilharam da opressão do colonialismo defendem a independência alcançada e lutam pela conquista da independência econômica, pela paz entre os povos. A existência do sistema socialista, a ajuda dada àqueles países pelos países socialistas na base do princípio de direitos iguais, e a colaboração entre eles e os países socialistas na luta pela paz e contra a agressão, possibilita àqueles países a defesa da sua independência nacional e o avanço pelo caminho do progresso social.

Nos países imperialistas, aguçou-se a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção; a ciência e a técnica modernas não são utilizadas em muitos aspectos no interesse do progresso social, no interesse de toda a humanidade, uma vez que o capitalismo agrilha e deforma o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade. A economia capitalista mundial continua insegura e instável. A conjuntura relativamente alta, que ainda se mantém numa série de países do mundo capitalista, surgiu em medida considerável sobre a base sem firmeza da corrida aos armamentos e de outros fatores transitórios. Entretanto, a economia capitalista não poderá evitar novos e profundos abalos e crises. A conjuntura temporária sustenta ilusões reformistas entre uma parte dos operários dos países capitalistas. No período de após-guerra, algumas camadas da classe operária dos países capitalistas altamente desenvolvidos conseguiram, na luta contra a exploração crescente e pelo melhoramento das condições de vida, certa elevação do salário, embora numa série daqueles países o salário real seja inferior ao nível de pré-guerra. Entretanto, na maior parte do mundo capitalista, sobretudo nos países coloniais e dependentes, milhões de trabalhadores vivem na miséria. Prossegue a ruína e o empobrecimento da massa fundamental do campesinato como resultado da ampla ofensiva dos monopólios na agricultura e da política de preços por eles imposta, do sistema bancário de crédito e empréstimo, e ainda consequência do crescimento dos impostos, provocado pela corrida aos armamentos. Agudam-se as contradições não somente entre a burguesia e a

classe operária, como também entre a burguesia monopolista dos Estados Unidos, de um lado, e os povos e mesmo a burguesia de outros países capitalistas de outro lado. Os trabalhadores dos países capitalistas vivem atualmente em tais condições, que cada vez mais fortemente os obrigam a convencer-se de que a única saída da sua difícil situação é o socialismo. Dessa maneira, criam-se possibilidades mais favoráveis para a sua atração à luta ativa pelo socialismo.

Os círculos imperialistas agressivos dos Estados Unidos, aplicando a assim chamada política das posições de força, aspiram alcançar o domínio sobre a maioria dos países do mundo e tentam impedir o movimento progressivo da humanidade em correspondência com as leis do desenvolvimento da sociedade. Sob o pretexto da "luta contra o comunismo", os Estados Unidos aspiram submeter ao seu domínio um número cada vez maior de países, instigam para a liquidação das liberdades democráticas, ameaçam a independência nacional dos países capitalistas desenvolvidos, querem vestir em um novo uniforme o jugo colonial para os povos que se libertaram, e conduzem uma atividade de sapa sistematicamente hostil contra os países socialistas. Com a sua política, determinados círculos agressivos dos Estados Unidos pretendem concentrar em torno de si todas as forças reacionárias do mundo capitalista. Estes círculos se tornam, por isto mesmo, o centro da reação mundial, constituindo os piores inimigos das massas populares. Com a sua política, estas forças imperialistas agressivas e antipopulares preparam elas mesmas a sua morte, criam elas mesmas o seu coveiro, que as enterrarão.

Enquanto existir o imperialismo, permanecerá também o terreno para as guerras de agressão. Nos anos de após-guerra, os imperialistas americanos, ingleses, franceses e outros e os seus lacaios conduziram ou conduzem guerras na Indochina, Indonésia, Coreia, Malaia, Kênia, Guatemala, Egito, Argélia, Omã e Ieman. Ao mesmo tempo, as forças imperialistas agressivas obstinadamente se furtam da redução dos armamentos, da proibição da aplicação e produção das armas atômicas e de hidrogênio, do acordo sobre a imediata cessação das experiências com estas armas, prosseguem a assim chamada "guerra fria", realizam uma corrida armamentista, constroem novas e novas bases de guerra, conduzem uma política agressiva de sabotagem da paz, criam o perigo de novas guerras. No caso de uma nova guerra mundial — em condições tais, que ainda não tenha sido alcançado um acordo sobre a proibição da arma nuclear — esta guerra inevitavelmente se tornará uma guerra nuclear, jamais vista pelo seu poder destrutivo.

Com a ajuda dos Estados Unidos, renasce na Alemanha Ocidental o militarismo germânico, criando com isto um foco de sério perigo de guerra no centro da Europa. A luta contra o militarismo e o revanchismo germano-ocidentais, que ameaçam a paz, é uma importante tarefa das forças amantes da paz do povo alemão e de todos os povos da Europa. Nesta luta, é particularmente grande o papel da República Democrática Alemã, o primeiro Estado de operários e camponeses na história da Alemanha, ao qual os participantes da Conferência expressam a sua solidariedade e inteiro apoio.

Ao mesmo tempo, os imperialistas tentam impor aos povos amantes da liberdade do Oriente Médio e Próximo a denominada "Doutrina Dulles-Eisenhower", criando com isto uma ameaça à paz naquela região. Organizam conspirações e provocações contra a Síria independente. As provocações contra a Síria, Egito e outros países árabes têm como fim dividir os Estados árabes, colocá-los em situação de isolamento, a fim de abrir o caminho para a liquidação da sua liberdade e independência.

O bloco agressivo da SEATO cria o perigo de guerra na Ásia-Sul-Oriental.

A questão sobre a guerra ou a coexistência pacífica se tornou o problema fundamental da política mundial. Os povos de todos os países devem manter a maior vigilância em relação ao perigo de guerra criado pelo imperialismo.

Nos tempos atuais, as forças da paz cresceram tanto que existe a possibilidade real de evitar a guerra, como demonstrou claramente o fracasso dos planos agressivos dos imperialistas no Egito. Fracassaram também os seus planos de utilização das forças contra-revolucionárias para a derrubada do regime democrático-popular na Hungria.

Poderosas forças defendem a causa da paz na época atual: o invencível campo dos países socialistas, tendo à frente a União Soviética; os países amantes da paz da Ásia e da África, que ocupam uma posição antiimperialista e formam junto com os países socialistas uma ampla zona de paz; a classe operária internacional e em primeiro lugar a sua vanguarda — os partidos comunistas; o movimento de libertação dos povos coloniais e semicoloniais; o movimento dos povos pela paz; uma decidida oposição aos planos de organização de uma nova guerra também e a luta dos povos da Europa preocupados com a sua neutralidade, pelos povos da América Latina, pelas massas populares dos próprios países imperialistas. A unificação dessas forças poderosas pode evitar a eclosão da guerra. Mas se os maniacos guerreiros imperialistas ousarem, apesar de tudo, desencadear a guerra, então o imperialismo condenar-se-á à morte, uma vez que os povos não continuarão a tolerar um regime que lhes traz tão pesados sofrimentos e vítimas.

Os partidos comunistas e operários, que participam da presente Conferência, declaram que o princípio leninista da coexistência pacífica dos dois sistemas, que recebeu um desenvolvimento posterior para as condições atuais nas resoluções do XX Congresso do P.C.U.S., é o fundamento inabalável da política exterior dos países socialistas e a base firme da amizade entre os povos. Correspondem aos interesses da coexistência pacífica os cinco princípios, conjuntamente apresentados pela República Popular da China e pela República da Índia, bem como as teses aprovadas pela conferência dos países da Ásia e da África em Bandung. Atualmente, a luta pela paz e pela coexistência pacífica se tornou uma exigência das mais amplas massas de todos os países do mundo.

Os partidos comunistas consideram a luta pela paz como sua tarefa primordial. Juntamente com todas as forças amantes da paz, tudo farão, no que deles depender, para impedir a guerra.

A CONFERÊNCIA considera que na situação atual adquire importante significação o fortalecimento da unidade e da colaboração fraternal dos Estados socialistas, dos partidos comunistas e operários de todos os países, a coesão dos movimentos operário internacional, de libertação nacional e democrática.

Constituem a base das relações mútuas entre os países do sistema socialista mundial e de todos os partidos comunistas e operários os princípios do Marxismo-Leninismo, já comprovados pela vida, os princípios do internacionalismo proletário. Na época atual, corresponde aos interesses vitais dos trabalhadores de todos os países o apoio que lhes dão a União Soviética e todos os países socialistas, que aplicam uma política de manutenção da paz no mundo inteiro e constituem o baluarte da paz e do progresso social. A classe operária, as forças democráticas, os trabalhadores de todos os países estão interessados em fortalecer incansavelmente os vínculos fraternais no interesse da causa comum, estão interessados em defender-se de quaisquer manobras dos inimigos do socialismo e das históricas conquistas políticas e sociais alcançadas na União Soviética, primeira e mais forte potência socialista, na República Popular da China, em todos os Estados socialistas, estão interessados, enfim, na ampliação e consolidação destas conquistas.

Os países socialistas constroem as suas relações mútuas de acordo com os princípios da plena igualdade e do respeito da integridade territorial, da independência e da soberania estatais, da não intervenção nas questões internas uns dos outros. Estes são importantes princípios, que, entretanto não esgotam toda a essência das relações entre os países socialistas. Parte inseparável das suas relações mútuas é a ajuda recíproca fraternal. Nesta ajuda recíproca encontra a sua efetiva manifestação o princípio do internacionalismo socialista.

Sobre a base da plena igualdade de direitos, das vantagens mútuas e da ajuda recíproca fraternal, os Estados socialistas estabeleceram entre si uma ampla colaboração econômica e cultural, que desempenha um importante papel no fortalecimento da independência econômica e política de cada país socialista, no fortalecimento de toda a comunidade socialista em conjunto. Os Estados socialistas continuarão a ampliar e aperfeiçoar a colaboração econômica e cultural.

Os Estados socialistas também se manifestam pela ampliação multilateral dos laços econômicos e culturais com todos os outros países, uma vez que se evidencia semelhante desejo da sua parte, sobre a base da igualdade, das vantagens mútuas e da não intervenção nas questões internas.

A solidariedade dos Estados socialistas não está orientada contra quaisquer outros Estados. Mais ainda, ela serve aos interesses de todos os povos amantes da paz, detendo as aspirações agressivas dos círculos belicistas do imperialismo, apoiando e aprovando a ação das crescentes forças da paz. Os países socialistas estão contra a divisão do mundo em blocos militares. Entretanto, nas circunstâncias que se formaram, uma vez que as potências ocidentais se recusam a aceitar as propostas dos países socialistas sobre a liquidação dos blocos militares na base de reciprocidade, deve existir e se fortalecer a organização do Pacto de Varsóvia que tem um caráter defensivo e serve à segurança dos povos da Europa e à defesa da paz em todo o mundo.

Os Estados socialistas estão unidos numa comunidade única pelo seu ingresso no caminho comum do socialismo, pela essência de classe comum do regime econômico-social e do poder estatal, pela necessidade de apoio e de ajuda recíproca, pelos interesses e fins comuns na luta contra o imperialismo, em prol da vitória do socialismo e do comunismo, pela ideologia do marxismo-leninismo comum para todos.

A coesão e a estreita unidade dos países socialistas é a firme garantia da independência nacional e da soberania de cada país socialista. Para a consolidação das relações fraternais e da amizade entre os países socialistas é necessária uma política marxista-leninista internacionalista dos partidos comunistas e operários, a educação de todos os trabalhadores no espírito da combinação do internacionalismo com o patriotismo, a luta decidida pela superação das sobrevivências do nacionalismo e do chovinismo burguês. Todas as questões referentes às relações mútuas entre os países socialistas podem resolver-se inteiramente pelo caminho da discussão fraternal sobre a base da observância inflexível dos princípios do internacionalismo socialista.

A VITÓRIA do socialismo na U.R.S.S., os êxitos da construção socialista nos países de democracia popular despertam uma simpatia cada vez mais profunda entre as amplas massas da classe operária e dos trabalhadores de todos os países. As idéias do socialismo se apossam da consciência de novos e novos milhões de pessoas. Nesta situação, a burguesia imperialista atribui uma importância cada vez maior ao engodo ideológico das massas, difama o socialismo e calunia o marxismo-leninismo, leva as massas ao engano e à confusão. Daí porque adquire uma importância primordial o fortalecimento da educação marxista-leninista das massas, a luta contra a ideologia burguesa, o desmascaramento das mentiras e das calúnias da propaganda imperialista com relação ao socialismo e ao movimento comunista, a ampla

(CONCLUI NA 2ª PAG.)

VOZ OPERÁRIA

N. 450 — Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1958

SUPLEMENTO — Não pode ser vendido em separado

Declaração da Conferência dos Representantes dos Partidos Comunistas e Operários dos Países Socialistas

(Conclusão da 1ª página)

propaganda, em forma acessível e convincente, das doutrinas do socialismo, da paz e da amizade entre os povos.

A Conferência confirmou a unidade de pontos de vista dos partidos comunistas e operários nas questões fundamentais da revolução socialista e da construção socialista. A experiência da U.R.S.S. e de outros países socialistas confirmou inteiramente a correção da tese da teoria marxista-leninista sobre o fato de que os processos da revolução socialista e da construção socialista se baseiam numa série de leis principais, inerentes a todos os países, que entram no caminho do socialismo. Estas leis se manifestam por toda parte em meio de uma grande variedade de particularidades e tradições nacionais historicamente formadas que é necessário constantemente levar em conta.

Estas leis gerais são: a direção das massas trabalhadoras pela classe operária, cujo núcleo é o partido marxista-leninista, na realização da revolução proletária nesta ou naquela forma e nos estabelecimentos da ditadura do proletariado nesta ou naquela forma; a aliança da classe operária com a massa fundamental do campesinato e com outras camadas de trabalhadores; a liquidação da propriedade capitalista e o estabelecimento da propriedade social dos meios fundamentais de produção; a transformação socialista gradual da agricultura; o desenvolvimento planejado da economia nacional, dirigido para a construção do socialismo e do comunismo, para a elevação do nível de vida dos trabalhadores; a realização da revolução socialista no terreno da ideologia e da cultura e a criação de uma numerosa intelectualidade, dedicada à classe operária, ao povo trabalhador, à causa do socialismo; a liquidação da opressão nacional e o estabelecimento da igualdade de direitos e da amizade fraterna entre os povos; a defesa das conquistas do socialismo dos atentados dos inimigos externos e internos; a solidariedade da classe operária de cada país com a classe operária dos outros países — o internacionalismo proletário.

O marxismo-leninismo exige a aplicação criadora dos princípios gerais da revolução socialista e da construção socialista de acordo com as condições concretas de cada país, não admitindo a cópia mecânica da política e da tática dos partidos comunistas de outros países. V. I. Lênin freqüentemente advertiu sobre a necessidade da correta aplicação dos princípios fundamentais do comunismo em correspondência com a especificidade de cada nação, de cada Estado nacional. A ignorância das particularidades nacionais pelo partido proletário leva-o inevitavelmente a destacar-se da vida, das massas, traz inevitável dano à causa do socialismo, e, pelo contrário, o exagero do papel destas particularidades e o afastamento da verdade universal do marxismo-leninismo sobre a revolução socialista e a construção socialista, a pretexto de particularidades nacionais, também traz inevitável dano à causa do socialismo. Os participantes da Conferência consideram que é necessário travar a luta simultaneamente contra ambas estas tendências. Os partidos comunistas e operários dos países socialistas devem-se bater firmemente pelos princípios da combinação da verdade universal do marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução e da construção em seus países, criadoramente aplicar as leis gerais da revolução socialista e da construção socialista em correspondência com as condições concretas de seus países, aprender uns com os outros e intercambiar experiência. A aplicação criadora das leis gerais da construção socialista, já comprovadas pela experiência da vida, e a variedade de formas e métodos da construção do socialismo nos diferentes países é uma contribuição coletiva à teoria do marxismo-leninismo.

A base teórica do marxismo-leninismo é o materialismo dialético. Esta concepção do mundo reflete a lei universal do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento humano. Esta concepção do mundo é justa não só no passado, para o presente e para o futuro. Ao materialismo dialético se opõem a idealidade e o subjetivismo. O pensamento marxista não parte, no exame das questões, da dialética e do materialismo, isto leva ao aparecimento da unilateralidade e do subjetivismo, à fossilização do pensamento, ao afastamento da prática e à perda da capacidade de fazer uma análise adequada das coisas e dos fenômenos, aos erros revisionistas ou dogmáticos e aos erros em política. A aplicação do materialismo dialético ao trabalho prático, a educação dos quadros e das amplas massas no espírito do marxismo-leninismo — esta é uma das tarefas atuais dos partidos comunistas e operários.

Na etapa atual, adquire importante significação o aprofundamento da luta contra as correntes oportunistas no movimento operário e comunista. A Conferência acentua a necessidade da superação decidida do revisionismo e do dogmatismo nas fileiras dos partidos comunistas e operários. O revisionismo e o dogmatismo no movimento operário e comunista tanto no passado como no presente têm um caráter internacional. O dogmatismo e o sectarismo dificultam o desenvolvimento da teoria do marxismo-leninismo e a sua aplicação criadora às condições concretas que se modificam, substitui o estudo da situação concreta por simples citações dos clássicos e pelo apoio nos livros, leva ao afastamento do partido das massas. O partido, que se fecha no sectarismo, separando-se das amplas massas, em nenhuma hipótese pode alcançar vitórias para a causa da classe operária.

Condenando o dogmatismo, os partidos comunistas consideram que, nas condições atuais, o perigo principal é o revisionismo, ou seja, o oportunismo de direita, como manifestação da ideologia burguesa, que paralisa a energia revolucionária da classe operária, exigindo a conservação ou o restabelecimento do capitalismo. Entretanto, o dogmatismo e o sectarismo podem representar também o perigo fundamental em determinadas etapas do desenvolvimento deste ou daquele partido. Cada partido comunista define qual é o perigo que, em dado momento, representa para ele o perigo principal.

É necessário assinalar que, para a classe operária, a conquista do poder é somente o início da revolução e não a sua conclusão. Após a conquista do poder, colocam-se diante da classe operária sérias tarefas de transformação socialista da economia nacional e de criação da base econômica e técnica do socialismo. Ao mesmo tempo, a burguesia derrubada sempre aspira à restauração; a influência da burguesia, da pequena burguesia e da sua intelectualidade na sociedade é ainda grande. Por isto para a solução do problema "quem vencerá a guerra?" — o capitalismo ou o socialismo — é necessário, por um tempo bastante longo, a existência da influência da burguesia e a fonte interna do revisionismo e a capitu-

ção diante da pressão do imperialismo é a sua fonte externa.

O revisionismo atual tenta caluniar a grande doutrina do marxismo-leninismo, declara-a "envelhecida" e como que já tendo perdido agora a importância para o desenvolvimento social. Os revisionistas procuram desarraigar a alma revolucionária do marxismo, minar a fé da classe operária e do povo trabalhador no socialismo. Manifestam-se contra a necessidade histórica da revolução proletária e da ditadura do proletariado durante a transição do capitalismo ao socialismo, negam o papel dirigente do partido marxista-leninista, negam os princípios do internacionalismo proletário, exigem a renúncia aos princípios leninistas básicos da construção partidária e antes de tudo ao centralismo democrático, exigem a transformação do partido comunista de uma organização revolucionária combativa em algo semelhante a um clube de debates.

Toda a experiência do movimento comunista internacional ensina que a garantia indispensável para a execução com êxito das tarefas da revolução socialista, da construção do socialismo e do comunismo é a defesa decidida pelos partidos comunistas e operários da unidade de suas fileiras, a não admissão de frações e agrupamentos, que minem esta unidade.

IV

DIANTE dos partidos comunistas e operários se apresentam grandiosas tarefas históricas. Para a realização destas tarefas é necessário o coesão não somente dos próprios partidos comunistas e operários, mas também de toda a classe operária, o fortalecimento da aliança operário-camponesa, o coesão de todos os trabalhadores e de toda a humanidade progressista, o coesão das forças amantes da paz e da liberdade em todo o mundo.

Na época atual, a tarefa mais importante em todo o mundo é a luta em defesa da paz. Os partidos comunistas e operários de todos os países se esforçam para realizar ações comuns, na mais ampla escala, com qualquer forças amantes da paz e que não desejem a guerra. Os participantes da Conferência declaram o seu apoio aos esforços de todos os Estados, partidos, organizações, movimentos e personalidades, que se manifestam pela paz, contra a guerra, pela coexistência pacífica, pela criação da segurança coletiva na Europa e na Ásia, pela redução dos armamentos, proibição da aplicação e experimentação da arma nuclear.

Os partidos comunistas e operários são firmes defensores dos interesses nacionais e democráticos dos povos de todos os países. Diante da classe operária, diante dos povos de muitos países ainda se apresentam as tarefas históricas da luta pela independência nacional, contra a agressão colonial e a opressão feudal. Aqui surge a questão sobre a necessidade da criação da frente única antimperialista e antifederal dos operários, camponeses, da pequena burguesia urbana, da burguesia nacional e de outras forças patrióticas e democráticas. Numerosos fatos testemunham que quanto mais ampla e forte a coesão das diferentes forças patrióticas e democráticas, tanto mais segura a vitória na luta comum.

A classe operária e as massas populares, lutando contra o perigo de guerra, pelos seus interesses vitais, voltam cada vez mais o gume desta luta contra os grandes grupos monopolistas do capital, como principais responsáveis pela corrida aos armamentos, organizadores e inspiradores dos planos de preparação de uma nova guerra mundial, baluartes da agressão e da reação. Os interesses e a política deste diminuto punhado de monopólios entra cada vez mais em contradição não só com os interesses da classe operária, mas também de todas as demais camadas da sociedade capitalista — do campesinato, da intelectualidade, da pequena e da média burguesias urbanas. Nesses países capitalistas, que os monopólios americanos tentam submeter, e nos países que sofrem da política americana de expansão econômica e militar, criam-se as premissas objetivas para a unificação sob a direção da classe operária e de seus partidos revolucionários das mais amplas camadas da população para a luta pela paz em defesa da independência nacional e das liberdades democráticas, pelo melhoramento das condições de vida dos trabalhadores, pela aplicação de reformas agrárias radicais, pela derrubada da onipotência dos monopólios, traidores dos interesses nacionais.

Em ligação com as profundas modificações históricas e as alterações radicais na correlação de forças na arena internacional em favor do socialismo, como resultado do crescimento da força de atração das idéias do socialismo no seio da classe operária, do campesinato trabalhador e da intelectualidade trabalhadora, criam-se condições cada vez mais favoráveis para a vitória do socialismo.

As formas de transição dos diversos países do capitalismo ao socialismo podem ser variadas. A classe operária e sua vanguarda, o partido marxista-leninista, aspiram realizar a revolução socialista de modo pacífico. A realização desta possibilidade responderia aos interesses da classe operária e de todo o povo, aos interesses nacionais gerais do país.

Nas condições atuais, numa série de países capitalistas, a classe operária com seu destacamento de vanguarda à frente tem a possibilidade de, na base da frente operária e popular e de outras formas possíveis de acordo e de colaboração política entre diferentes partidos e organizações sociais — unificar a maioria do povo, conquistar o poder estatal sem guerra civil e garantir a passagem dos meios fundamentais de produção às mãos do povo. Apoiando-se na maioria do povo e dando uma réplica decidida aos elementos oportunistas, incapazes de renunciar à política de compromisso com os capitalistas e os latifundiários, a classe operária tem a possibilidade de levar à derrota as forças reacionárias e antipopulares, conquistar uma sólida maioria no parlamento, transformar o parlamento de arma, que serve aos interesses de classe da burguesia, em arma, que serve ao povo trabalhador, desenvolver uma ampla luta de massas extraparlamentar, quebrar a resistência das forças reacionárias e criar as condições necessárias para a realização pacífica da revolução socialista. Tudo isto será possível somente através do amplo e incessante desenvolvimento da luta de classes dos operários, das massas camponesas e das camadas médias urbanas contra o grande capital monopolista, contra a reação, por profundas reformas sociais, pela paz e o socialismo.

Nas condições em que as classes exploradoras empregam a violência contra o povo, é indispensável ter em vista outra possibilidade — a transição não pacífica para o socialismo.

O leninismo ensina e a experiência histórica confirma que as classes dominantes não entregam o poder voluntariamente. O grau de exacerbação e as formas da luta de classes nestas condições dependerão não tanto do proletariado, quanto da força de resistência dos círculos reacionários à vontade da esmagadora maioria do povo, da aplicação da violência por esses círculos nesta ou naquela etapa da luta pelo socialismo. Em cada país dado, a possibilidade real deste ou daquele modo de transição ao socialismo é determinada pelas condições históricas concretas.

Tanto na luta pelo melhoramento das condições de vida dos trabalhadores, pela ampliação e defesa dos seus direitos democráticos, pela conquista e defesa da independência nacional, pela paz entre os povos, quanto na luta pela conquista do poder e a construção do socialismo, os partidos comunistas se manifestam pelo estabelecimento da colaboração com os partidos socialistas. Embora os líderes direitistas dos partidos socialistas se esforcem de todas as maneiras para obstaculizar esta colaboração, as possibilidades de colaboração entre comunistas e socialistas, em muitas questões, não deixam de crescer. As divergências ideológicas, que existem entre os partidos comunistas e socialistas, não devem servir de obstáculo para o estabelecimento da unidade de ação em muitos problemas atuais, colocados diante do movimento operário.

Nos países socialistas, onde a classe operária tomou o poder em suas mãos, os partidos comunistas e operários, uma vez que adquiriram todas as condições para o estabelecimento dos laços mais estreitos com as mais vastas massas, devem firmemente apoiar-se, em toda a sua atividade, nas massas populares, tornar a construção e a defesa do socialismo uma causa de milhões de trabalhadores, profundamente conscientes de sua situação de donos do país. Para a elevação da atividade e da iniciativa criadora das amplas massas populares, para a sua coesão, consolidação do regime socialista e aceleração da construção socialista, possuem importante significação os passos dados nos últimos anos nos países socialistas para a ampliação da democracia socialista e o desenvolvimento da crítica e da autocritica.

É fora de qualquer dúvida que a conquista de uma efetiva coesão da classe operária, de todos os trabalhadores e de toda a humanidade progressista, da coesão das forças amantes da paz e da liberdade em todo o mundo, torna antes de tudo necessário fortalecer a coesão dos próprios partidos comunistas e operários, fortalecer o coesão entre os partidos comunistas e operários de todos os países. Esta coesão é o núcleo de uma coesão ainda mais ampla, é a própria garantia fundamental da vitória da causa da classe operária.

Os partidos comunistas e operários carregam uma responsabilidade histórica particularmente séria pelos destinos do sistema socialista mundial e do movimento comunista internacional. Os partidos comunistas e operários, participantes da Conferência, declaram que fortalecerão incansavelmente a sua unidade e colaboração fraterna no interesse do incessante coesão da comunidade de países socialistas, no interesse do movimento operário internacional, da causa da paz e do socialismo.

A Conferência assinala com satisfação que o movimento comunista internacional cresceu, suportou muitas sérias provas, alcançou uma série de importantes vitórias. Com os seus feitos em escala mundial, os comunistas demonstraram aos trabalhadores a vitalidade da teoria marxista-leninista e a sua capacidade não somente de fazer propaganda, mas de concretizar na prática mais difícil os magnos ideais do socialismo.

Como todo movimento progressista na história da humanidade, o movimento comunista inevitavelmente encontra no seu caminho dificuldades e rodeios. Entretanto, no passado como no presente e no futuro quaisquer que sejam as dificuldades e rodeios, não podem modificar as leis objetivas do desenvolvimento histórico, não podem quebrar a profunda decisão da classe operária de transformar o velho mundo e criar o novo mundo. Desde os tempos que os comunistas ingressaram na arena da luta, que vêm sendo submetidos à caça e às perseguições dos círculos reacionários. Apesar disto, o movimento comunista tem revidado heróicamente aos seus ataques e saído das provas ainda mais forte e temperado. Os comunistas respondem às tentativas dos círculos reacionários imperialistas de impedir o desenvolvimento da sociedade humana para uma nova época com o permanente fortalecimento da sua unidade e coesão.

Apesar das absurdas afirmações do imperialismo sobre a assim chamada "crise do comunismo", o movimento comunista cresce e se revigora. As históricas resoluções do XX Congresso do P.C.U.S. têm grande significação não somente para o P.C.U.S. e a construção comunista na U.R.S.S., como também deram início a uma nova etapa no movimento comunista internacional, possibilitando o seu ulterior desenvolvimento na base do marxismo-leninismo. Os congressos vitoriosamente realizados dos partidos comunistas da China, da França, da Itália e de outros países, levados a efeito no período recente, demonstraram de modo convincente a unidade e a coesão das fileiras partidárias, a sua fidelidade aos princípios do internacionalismo proletário. A presente Conferência de representantes de partidos comunistas e operários também é uma prova da coesão do movimento comunista internacional.

Intercambiando opiniões, os participantes da Conferência chegaram à conclusão de que, nas condições atuais, juntamente com os encontros de dirigentes e a troca mútua de informações sobre uma base bilateral, é conveniente, na medida da necessidade, realizar conferências ainda mais amplas, entre partidos comunistas e operários para a discussão de problemas atuais, a troca de experiência, e conhecimento dos pontos de vista e das posições uns dos outros, o acordo para a luta conjunta pelos objetivos comuns entre a democracia e o socialismo.

Os participantes da Conferência expressaram unanimemente a sua firme convicção de que, coesão das suas fileiras e, nesta base, coesão da classe operária e os povos de todos os países, os partidos comunistas e operários indubitavelmente superarão todos os obstáculos no caminho do movimento para a frente e apressarão a conquista de novas e grandiosas vitórias da causa da paz, da democracia e do socialismo em escala mundial.

Sobre o 40º Aniversário da Revolução de Outubro

LUIZ CARLOS PRESTES

COM justificado entusiasmo e alegria que os trabalhadores do mundo inteiro e junto com eles os povos que lutam pela emancipação nacional do jugo imperialista festejam este 40º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. Celebramos este 40º aniversário da vitória do proletariado russo num momento em que as mudanças profundas que se deram na situação internacional, em consequência do desenvolvimento da revolução socialista que levou ao surgimento do sistema socialista mundial, constituem o mais brilhante testemunho do triunfo das idéias de Lênin, genial continuador dos fundadores do socialismo científico, Carlos Marx e Frederico Engels.

Ao comemorarmos este 40º aniversário da Grande Revolução Socialista é por isto natural que nos voltamos para o gênio de Lênin que se voltam nossos pensamentos e nossos mais profundos sentimentos, plenos de amor, de admiração e de gratidão. Saudamos com entusiasmo a classe operária e os trabalhadores da União Soviética e exaltamos o grande Partido Comunista da União Soviética que soube conduzir os povos da Grande Revolução de Outubro de 1917 e nas grandes lutas que se seguiram para que construíssem o socialismo e fizessin da grande revolução socialista o que hoje é e o que hoje vale para todos nós e para os trabalhadores do mundo inteiro, para todos os seres humanos que honrada e humanamente aspiram à paz e ao progresso da sociedade.

No desenvolvimento da sociedade humana a Grande Revolução Socialista de Outubro representa um marco histórico. Pela primeira vez uma classe nova apresentou-se na arena histórica decidida a exercer sua hegemonia na direção da vida de toda a sociedade. Já não se tratava apenas, como acontecera com todas as revoluções anteriores, de transferir o Poder de uma classe exploradora a outra igualmente exploradora, mas de realizar a aspiração secular dos trabalhadores, acabar para sempre com a exploração do homem pelo homem e assegurar a emancipação nacional de todos os povos explorados e oprimidos. A Grande Revolução Socialista foi o resultado inevitável do desenvolvimento do sistema mundial do capitalismo, da exacerbação extrema de todas as suas contradições. A conjugação de todas as contradições do imperialismo e seu extremo aguçamento no vasto império dos czares fizeram da Rússia o elo mais vulnerável da cadeia imperialista e converteram-lhe desde o início do século XX a qualidade de centro do movimento revolucionário internacional.

Graças à vitória de Outubro, à construção do socialismo na União Soviética e à derrota do nazismo na segunda guerra mundial — a Grande Guerra Patriótica, como dizem com razão os povos soviéticos —, o mundo mudou radicalmente nestes 40 anos. O socialismo saiu dos limites de um só país e converteu-se em sistema mundial. O capitalismo foi impotente para impedir esse desenvolvimento, que mudou qualitativamente a situação internacional e modificou por completo a correlação de forças entre o socialismo e o capitalismo. A maior parte da população do mundo marcha hoje sob as bandeiras do socialismo — já o construiu a URSS, constróem-no as democracias populares da Europa e da Ásia ou então lutam-se sob o capitalismo pelo direito de construí-lo. Na consciência dos homens o socialismo, na verdade, já é incomparavelmente mais forte que o capitalismo. Sua influência na vida política, ideológica e intelectual de todos os povos garante sua vitória no terreno da emulação pacífica e da luta de idéias, mas é igualmente evidente que o socialismo é inevitável em todos os terrenos, entrou numa fase de desenvolvimento em que o capitalismo já não pode nem pensar em derrotá-lo.

Ai temos, camaradas, a girar em torno da Terra o primeiro satélite artificial, façanha da ciência soviética e demonstração cabal e irrefutável do ritmo acelerado com que crescem as forças produtivas do mundo socialista. Em 40 anos, o grande Partido Comunista fundado por Lênin realizou à frente do povo a obra gigantesca de dar nascimento à nova civilização, construída no fundamental antes da segunda guerra mundial, e realiza agora a passagem gradual ao comunismo. Livres da dominação dos latifundiários e capitalistas, os povos soviéticos venceram todas as dificuldades e hoje já colocam com segurança a tarefa fundamental de alcançar e sobrepassar os países capitalistas mais avançados na produção por habitante. É o ritmo de desenvolvimento das forças produtivas o fato que melhor revela a superioridade do socialismo sobre o capitalismo. No fim do primeiro decênio do pós-guerra, em 1956, a produção industrial do país era 3,5 vezes maior do que em 1946 e o volume global da produção da indústria em 1957 supera 33 vezes ao de 1913, deixando muito atrás, no ritmo de crescimento, a todos os países capitalistas inclusive os Estados Unidos. De 1929 a 1956 o volume global da produção industrial aumentou em 2.175%, enquanto que nos Estados Unidos, durante os mesmos anos, aumentou apenas de 89%.

Com o surgimento do sistema socialista mundial em desenvolvimento agravou-se a crise geral do capitalismo e aprofundaram-se todas as contradições do imperialismo. A vitória de 1917 da primeira revolução proletária triunfante sacudiu os alicerces da estrutura colonial do imperialismo e estimulou a luta de libertação nacional de todos os povos oprimidos. A Revolução de Outubro injetou uma força imensa, invencível, as idéias da igualdade e da liberdade, convertendo-as, como reconhece um publicista lanque no novo evangelho dos povos nacionalmente oprimidos. Com a Revolução de Outubro dissipou-se o mito racista da superioridade do homem branco, do colonizador europeu ou norte-americano sobre os povos colonizados ou dependentes. E, posteriormente, a vitória sobre o nazismo e o militarismo japonês na segunda guerra mundial trouxe a grande revolução chinesa que abriu no sistema colonial do imperialismo uma enorme brecha. A isto somou-se a constituição do Índia como Estado independente, da Indonésia, da Indonésia, do Egito, da Síria, do Líbano, do Sudão e de outros países. Na última década 1.200 milhões de pessoas libertaram-se do jugo colonial e semicolonial. E todo o sistema colonial do imperialismo que estala e se desagrega. Consolidou-se e se fortalece a frente anticolonialista dos povos do socialismo, dos povos da Ásia e da África e dos trabalhadores de todos os países do mundo capitalista. A marcha da história é inexorável e está posto na ordem do dia o problema da sua resolução completa do velho sistema imperialista. A sua queda e seu desaparecimento foi aberta pela Grande Revolução Socialista de Outubro.

Enumerei alguns fatos apenas. Procura-se chamar a atenção para algumas das características da situação que atravessamos, para as condições do mundo em que estamos vivendo, para o aniversário da Revolução de Outubro, marco inicial de uma nova era na história universal.

Como foi possível em tão curto período na secular história da sociedade humana, em apenas 40 anos, em menos de meio século, tão grande avanço na transição do sistema social capitalista ao socialista? Isto não pode ser, naturalmente, um ato automático, resultante da ação fatal de forças cegas do desenvolvimento social. É uma transição inconcebível sem a luta pertinaz e enérgica da classe operária e dos trabalhadores, sem a conquista do Poder político pelo proletariado, sem vencer a resistência dos exploradores. A imortal doutrina leninista é o facho luminoso, a estrela guia, que ilumina a luta de toda a humanidade progressista por sua emancipação. Foi seguindo o caminho do leninismo que o movimento da classe operária dos países capitalistas saiu do pântano do oportunismo da II Internacional. Foi impulsionado pelas idéias do leninismo que o movimento de libertação nacional se expandiu e se expande dia a dia pelos países coloniais e dependentes. O leninismo conjuga o movimento de libertação nacional das nações oprimidas e o movimento da classe operária das metrópoles numa única e poderosa torrente de luta contra o imperialismo. E por mais que façam os imperialistas não poderão impedir que a influência da doutrina leninista seja cada dia maior e mais profunda em todos os âmbitos da Terra.

O leninismo, síntese da experiência revolucionária de vários países na época do imperialismo, é hoje um seguro farol para os trabalhadores de todos os países. Tomando em conta plenamente as particularidades dos diversos países e povos, estabelece ao mesmo tempo os princípios fundamentais aplicáveis à luta revolucionária nos vários países do mundo contemporâneo. O marxismo não é um dogma, seus princípios revolucionários fundamentais se enriquecem constantemente no próprio curso de sua aplicação às complexas condições históricas e na base de novas experiências. É uma ciência criadora e militante. Só aqueles que permanecem fiéis ao marxismo-leninismo e são capazes de desenvolvê-lo e aplicá-lo criadoramente aos problemas da atualidade estarão em condições de vencer todas as dificuldades e de superar os revezes temporários. Neste sentido, são de enorme oportunidade e merecem cuidadoso estudo e atenta reflexão as seguintes palavras das notáveis teses sobre «O 40º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro» publicadas pelo CC do Partido Comunista da União Soviética.

«Os elementos revisionistas afirmam que não existe um marxismo que corresponda à época atual e que esse marxismo ainda deve ser criado por alguém. Estas afirmações mascaram-se frequentemente com uma suposta «reocupação» pelo desenvolvimento do marxismo, mas no fundo obedecem a fins muito diferentes, distantes do marxismo. A história demonstrou que o marxismo da época atual obteve e obtém grandes vitórias históricas sem precedentes, e os verdadeiros lutadores do socialismo em todos os países orgulham-se legitimamente disto. O marxismo da presente época é o marxismo desenvolvido criadoramente por Lênin e comprovado e enriquecido pela experiência da Grande Revolução Socialista de Outubro e da edificação do socialismo e do comunismo na URSS, pela experiência da Grande Revolução Chinesa e da edificação do socialismo em todos os países nos quais a classe operária tem o Poder; é o marxismo que desenvolve dia a dia o P.C.U.S. e todos os partidos comunistas e operários irmãos que lutam contra o imperialismo, contra o jugo do capital.

«Um notável exemplo do desenvolvimento criador do marxismo-leninismo são os documentos e as resoluções do XX Congresso do P.C.U.S., que oferecem um programa para a luta pela paz e pela edificação do comunismo na URSS. As resoluções do XX Congresso têm uma importância enorme para todo o movimento comunista e operário internacional.

«Ao espírito da teoria marxista são profundamente estranhos qualquer dogmatismo, a tendência a tirar conclusões práticas não da análise dos fatos e processos que se dão na vida mas de teses teóricas aprendidas de memória; a tendência a fazer do marxismo — doutrina eternamente viva e em constante desenvolvimento — um amontoado de dogmas mortos e petrificados. O espírito conservador, a falta de desejo ou a incapacidade de ver as novas condições, a nova situação e os malabarismos com fórmulas anquilosadas com a vida real, levam inevitavelmente à bancarrota política.

Soubemos por acaso ver as novas condições do mundo, a nova situação em que nos encontramos? Não é verdade que nos agarramos a fórmulas envelhecidas e que pretendemos por muitos anos orientar nossa atividade prática partindo de teses teóricas aprendidas de cor? Que nos esquecemos das particularidades de nosso país e pensamos que seria possível aplicar no caminho do socialismo com a simples transposição mecânica do caminho trilhado pelo proletariado russo? O que não pode haver dúvida de que o futuro dos povos nacionalmente oprimidos, como o de todos os povos sob o jugo do imperialismo, está no socialismo. Mas os povos que lutam por sua emancipação nacional, em seu avanço para o socialismo, não podem deixar de ter em conta suas próprias peculiaridades características, pois, encontram-se em determinadas condições sociais especificamente suas. Os princípios fundamentais do marxismo-leninismo, no entanto, são inteiramente aplicáveis, quer aos povos dos países socialmente mais adiantados, como aos povos atrasados e nacionalmente oprimidos. Marchamos para o socialismo que tem alguns aspectos fundamentais idênticos, mas cujas formas concretas são diferentes. Ou, como ensinava Lênin: «... A unidade da tática internacional do movimento operário comunista de todos os países não exige a supressão da variedade, nem a supressão das particularidades nacionais (a qual constitui na atualidade um sonho absurdo), mas uma tal aplicação dos princípios fundamentais do comunismo (Poder dos soviets e ditadura do proletariado) que faça variar como for necessário estes princípios em suas aplicações parciais, que os adapte, que os aplique acertadamente às particularidades nacionais e políticas de cada Estado. Investigar, estudar, descobrir, adivinhar, compreender o que há de nacionalmente particular, nacionalmente específico na maneira pela qual cada país aborda concretamente a solução de um mesmo problema internacional: o triunfo sobre o oportunismo e o doutrinarismo da esquerda no seio do movimento operário a derribada da burguesia; a ditadura do proletariado...» E Lênin que preocupava-se especialmente com as peculiaridades dos países do Oriente, insistia que as revoluções naqueles países, de população numerosa e profundamente diferenciada pela diversidade das condições sociais, forneceriam mais peculiaridades que a revolução russa.

Foi sob a influência direta da Grande Revolução de Outubro que nasceu nosso Partido. Foi através de Lênin e dos continuadores de sua obra na União Soviética e no mundo inteiro que nós, comunistas brasileiros, conhecemos o marxismo. Isto significa que o movimento revolucionário da classe operária brasileira, desde seu nascimento, regeu-se pelo leninismo. Apoiando-se inalteravelmente na doutrina leninista, os comunistas do Brasil fundaram seu Partido e fixaram os princípios de sua atividade em plena concordância com os princípios leninistas. Mas, como já dizíamos em nosso IV Congresso, «vai uma grande distância entre reconhecer o marxismo-leninismo, desejar aplicá-lo a uma realidade concreta determinada, e efetivamente realizar essa aplicação.» As numerosas derrotas que já sofremos e, muito particularmente, os numerosos e sérios erros que cometemos na última década já mostraram com muita força que não basta voltarmos para a União Soviética e para o estudo da doutrina do proletariado, para o estudo do marxismo-leninismo, para que consigamos avançar no caminho de sua justa aplicação à nossa própria realidade brasileira. Lênin e os comunistas russos conseguiram dirigir a Revolução na Rússia não somente por que conhecessem os ensinamentos de Marx, mas porque souberam compreender os fatos reais do mundo e também porque conheciam as características específicas do país e do povo com o qual realizavam sua luta revolucionária e seu trabalho. Só assim pôde Lênin enriquecer o marxismo. Sua grande obra sobre «O desenvolvimento do capitalismo na Rússia» revela essa preocupação pelo conhecimento da realidade concreta e das peculiaridades do desenvolvimento da sociedade russa. E, em 1907, no prefácio da 2ª edição da mesma obra, mostrava Lênin o erro daqueles que em vez de examinar a realidade concreta como ponto de partida para encontrar a solução de qualquer problema cifravam-se a descobrir logicamente os princípios gerais do marxismo. Após afirmar que «a revolução na Rússia é necessariamente uma revolução burguesa», escreve Lênin no referido prefácio:

«... Esta tese do marxismo é absolutamente inquestionável. Não se deve jamais olvidá-la. É necessário sempre aplicá-la a todos os problemas econômicos e políticos da revolução russa. «Mas é preciso saber aplicá-la. A análise concreta da situação e dos interesses das diferentes classes deve servir à definição do sentido exato desta verdade aplicada a tal ou qual problema. O modo de raciocinar contrário que se encontra muito comumente na ala direita da social-democracia com Plekhanov à frente, quer dizer, a tendência a procurar a resposta às questões concretas, no simples desenvolvimento lógico de uma verdade geral sobre o caráter essencial de nossa revolução, leva ao aviltamento do marxismo, ao achincalhe do materialismo dialético. A propósito daquelas que dizem, por exemplo, de uma verdade geral sobre o caráter desta revolução, o papel dirigente da burguesia na revolução ou a necessidade para os socialistas de apoiar os liberais, Marx teria sem dúvida usado estas palavras tomadas a Heine e que ele já citara uma vez: «Semei dentes de dragão e colhi pulgas.»

Não estará nisto justamente, nesta maneira errada de raciocinar, que parte da teoria e dos princípios gerais e não da análise aprofundada da realidade concreta para se chegar à solução de cada problema, uma das causas principais de nossos erros e insucessos? Continuamos, na verdade, ainda longe de dominar a ciência, de combinar a verdade geral e universal do marxismo-leninismo com a prática concreta do movimento da classe operária e da vida política em nosso país. A doença do dogmatismo de que sofremos todos os dirigentes e militantes do Partido, determinou uma série de erros nos terrenos político, orgânico e ideológico.

O maior mal que afetou e afeta a nosso Partido e muito especialmente sua direção foi e é o subjetivismo, a nenhuma preocupação pelo estudo detalhado da realidade brasileira, realidade econômica, política e social. Sem dúvida, o subjetivismo é em nossas fileiras um velho mal que se prende ao processo de formação de nosso Partido e à forte influência de uma ideologia esranha à classe operária de que não soubemos nem fomos capazes ainda de nos desfazer, mas esse mal agravou-se seriamente na última década. Com a passagem do Partido para a ilegalidade em 1947-48, afastamo-nos da vida política do país, e na prática, deixamos de ser uma força política interessada em transformar a realidade. Sem levar em conta a realidade, a situação objetiva concreta, a verdadeira correlação das forças de classes no país, o nível político do proletariado e das demais classes e camadas sociais, sem nos preocuparmos com aquilo que era efetivamente possível realizar, passamos a levantar consignas revolucionárias avançadas, entramos pelo caminho do uso de uma fraseologia ultra-revolucionária e, de fato, redimimos a tática do Partido à agitação e ao desencadeamento de lutas, através das quais sunharmos possível, por meio da propaganda, ganhar as massas para as lutas decisivas para as transformações revolucionárias.

É compreensível que, em tais condições, a realização de esforços desesperados e indo aos maiores sacrifícios, sem que grandes resultados fossem alcançados — ao contrário, assustando as massas e contribuindo para separar cada vez mais os comunistas das massas — ao mesmo tempo, sem que fôssemos capazes de observá-lo fluía o movimento real e processo em curso em nosso país, um processo objetivo que se desenvolvia espontaneamente por si só e não nos dávamos para encaminhá-lo, para transformá-lo e adaptá-lo de acordo com os interesses da classe operária e do povo.

Diante dos esforços do imperialismo no sentido de intensificar a dominação dos nossos países em nosso país, no sentido de arrastá-lo aos preparativos de guerra, de submetê-lo politicamente e de transformá-lo em colônia, julgávamos possível a imediata transformação revolucionária, a imediata substituição do regime político e pensávamos que para tanto bastaria convencer as massas da verdade do dilema — guerra ou paz, colonização completa ou total independência do país. Efetivamente, fechávamos os olhos à realidade do momento, tanto mundial como nacional. Dentro do país, não sabíamos ver que nossa própria classe operária poderia ser convencida da necessidade e da possibilidade de transformações radicais, fechávamos os olhos ao processo real em desenvolvimento no país, não sabíamos ver como, apesar da dominação imperialista e das restas feudais, desenvolvia-se o capitalismo, crescia o proletariado e a burguesia nacional, agravavam-se as contradições com o imperialismo norte-americano e, nesta situação, surgiam condições para a unificação de amplas forças políticas e inclu-

SÓBRE O 40º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

... para o aparecimento de um governo que, apoiado em sua força, pudesse realizar uma política de resistência às pretensões dos imperialistas lanques, democrático e progressista. No quadro mundial, no conjunto das relações internacionais, não víamos que os acontecimentos se desenvolviam no sentido do reforçamento cada vez maior das forças socialistas e que o imperialismo tornava-se cada vez menos capaz de realizar seus objetivos, de impedir que o socialismo se transformasse em sistema mundial e que os povos coloniais e dependentes triunfasssem em sua luta pela emancipação nacional.

Falávamos, por isto, de um processo de colonização crescente do Brasil pelo imperialismo norte-americano, quando os fatos desmentiam tais afirmações. Por mais lento que seja — e na verdade não foi dos mais lentos nos últimos dez a quinze anos — o processo de desenvolvimento da economia nacional é um fato incontestável. Com o desenvolvimento da indústria nacional, cresce o proletariado e eleva-se sua consciência de classe, aumenta a força da burguesia nacional, desenvolve-se o sentimento nacional e aprofunda-se as condições com o opressor norte-americano. Apesar da pressão imperialista, o Brasil se afirma como nação soberana que defende seu petróleo do assalto da Standard Oil, resiste à pressão do Departamento de Estado que quer soldados brasileiros para a guerra na Coreia, derrota nas urnas os candidatos apoiados pelos monopólios norte-americanos, como aconteceu em 1950 com a eleição de Vargas e em 1955 com a do sr. Kubitschek e impede pela força das armas a instauração no país de uma ditadura a serviço do imperialismo lanque, como sucedeu em 11 de novembro de 1955.

Ao mesmo tempo que o imperialismo norte-americano tudo faz no sentido de acentuar a dominação econômica, política e militar do país, cresce no Brasil uma poderosa força nacional, democrática e progressista que impõe e barra qualquer processo de colonização. Aumenta a influência da burguesia nacional no governo; nas forças armadas e no processo de desenvolvimento da economia nacional. Simultaneamente, cresce a força e eleva-se a consciência da classe operária que se organiza sindicalmente e começa a unir suas forças, ao mesmo tempo que une a luta por suas reivindicações imediatas com a luta em defesa da soberania nacional, da democracia e pelo progresso do país. A inteligência manifesta seu sentimento patriótico, a luta pela independência nacional ganha os meios estudantis e, ao mesmo tempo, desenvolve-se a cultura nacional em luta com as tentativas do imperialismo norte-americano no sentido do cosmopolitismo e da colonização. Surge o cinema nacional; desenvolve-se a música brasileira, surgem manifestações nacionalistas em todos os setores artísticos e culturais.

Incapazes de ver a realidade e de aplicar com acerto a verdade universal do marxismo-leninismo às condições específicas de nosso país, caímos na prática em posições sectárias e esquerdistas, consequência prática de posições dogmáticas, da tentativa de aplicar a doutrina, tomada como verdade absoluta e eterna, e a experiência de outros países, sem espírito crítico, à realidade brasileira. Partindo da constatação justa de que o Brasil é um país semicolonial e semifeudal, que em sua etapa atual a revolução brasileira é uma revolução democrática popular de caráter antiimperialista e agrário antifeudal, vimos a realização da revolução a curto prazo, opinamos como única saída às tentativas de colonização total pelo imperialismo a realização imediata da revolução, sem qualquer estorvo da realidade nacional, da efetiva correlação das forças sociais, do nível político da classe operária e das demais classes e camadas sociais.

Quando só a emancipação econômica do jugo imperialista e a derrubada das sobrevivências feudais abrirão o caminho para o socialismo e, portanto, para a justa solução dos problemas brasileiros. Mas, de outro lado, é perfeitamente possível, mesmo dentro do atual regime, a conquista de um governo capaz de realizar, sob a pressão das massas, uma política externa independente, de paz, e uma política interna democrática e progressista. Além disto, devemos compreender que semelhante política é hoje possível, enquanto que a solução revolucionária só é por enquanto aceitável para os setores mais avançados. Insistir na solução revolucionária, como imediata, será, portanto, separar o Partido das massas, inclusive da classe operária, e do setarismo, no doutrinarismo de esquerda, na fraseologia ultra-revolucionária, fugir da participação na vida política do país, não lutar praticamente pela justa transformação da realidade presente. Na verdade, a luta por uma política externa independente é, nas atuais condições do mundo e de nosso país, a premissa para que se possa conquistar a completa independência, a autonomia econômica do Brasil.

Para não nos apresentarmos como único caminho para a revolução brasileira o da derrubada violenta do governo. Copiávamos, assim, o caminho da revolução russa, sem levar em conta o novo da situação atual e o específico da situação brasileira. Quer dizer, não soubemos elaborar, através de uma análise independente da realidade brasileira à luz do marxismo-leninismo, o caminho do avanço, de aproximação e de luta pela emancipação econômica do Brasil e pelo socialismo. Não soubemos aplicar os princípios gerais do marxismo-leninismo, com a necessária e indispensável independência de julgamento, às condições específicas de nosso país. Se bem que o regime político em nosso país continue no fundamental um regime de latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo, nos governos têm sido cada vez maior a participação da burguesia nacional, que chega a constituir um cara vez mais poderoso setor nacionalista com influência em todos os Poderes — o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Impulsor esse setor para que imponha sua posição no governo contra os interesses do imperialismo norte-americano e seus agentes internos é avançar no processo revolucionário. Lutar pela derrubada do governo atual é, na prática, nos colocarmos contra os interesses da burguesia nacional, nossa provável e possível aliada no entanto, na atual etapa da revolução brasileira.

Por isto, nas condições específicas do Brasil de hoje, será falso e mesmo errôneo não apresentar como a saída mais conveniente à classe operária e ao povo a saída pacífica, o encaminhamento da solução dos problemas brasileiros através da pressão de massas através da conquista de um governo que realize uma política externa independente e uma política interna democrática e progressista. Na verdade, copiando sem qualquer espírito crítico, a solução russa de 1917, confundimos a natureza revolucionária das mudanças radicais com a violência, com a inevitabilidade do emprego da força, quando Engels já ensinara, em sua exposição sintética do materialismo histórico, que isto depende da correlação de forças entre o novo e o velho em cada momento histórico: «... o novo só pode vencer — diz Engels — se o velho é bastante

razoável para resignar-se a desaparecer sem luta; pela força, se se rebela contra esta necessidade.»

Como revolucionários, não podemos abandonar por um minuto sequer nosso objetivo revolucionário, nossa meta final, a substituição do regime de latifundiários e grandes capitalistas por um novo regime efetivamente democrático e popular. Mas a revolução não se realiza quando se quer e sim quando existem as condições revolucionárias. Até lá devemos acumular forças, atravessar um período evolutivo mas ou menos longo que deve servir para desenvolver a consciência, a força e a capacidade combativa da classe operária. Nesse período deixará, porém, o Partido da classe operária de atuar como força política interessada em intervir no poder? Nesse desinteresse pela vida política, inclusive pelas eleições, nos últimos dez anos cheia a anarquia e lembra por isto o que escreveu Engels em carta a Cuno e na qual, após mostrar a diferença entre as posições de Marx e Bukáchine afirmava que os operários são político por natureza:

«A diferença entre os dois pontos de vista é fundamental: a abolição do Estado sem uma revolução social prévia é um absurdo; a abolição do capital é precisamente a revolução social e implica uma mudança em todo o modo de produção. Mas como para Bukáchine o Estado representa o mal principal, não se deve fazer nada que possa manter o Estado, tanto se é uma república, como uma monarquia ou qualquer outra forma de Estado. Daí, a necessidade de abster-se por completo de toda a política. Qualquer atividade política, sobretudo a participação nas eleições, é uma traição aos princípios. É necessário fazer propaganda, desacreditar o Estado, organizar-se; e quando se tenha conquistado a todos os operários, isto é a maioria, liquidam-se todos os organismos estatais, suprime-se o Estado e substitui-se-o pela organização Internacional. Este grande ato, que marca o começo do reino milenar, chama-se liquidação social.»

«Tudo isto soa como muito radical, e é tão simples que pode ser aprendido de cor em cinco minutos. Esta a razão pela qual a teoria bakuninista tenha encontrado tão depressa uma acolhida favorável na Itália e na Espanha entre os jovens advogados e doutores e outros doutrinários. Mas as massas operárias jamais aceitaram a idéia de que os assuntos públicos de seus respectivos países não sejam igualmente seus próprios assuntos; os operários são políticos por natureza, e quem lhes propuser abandonar a política ver-se-á cedo ou tarde, abandonado por eles. Preguar aos operários a abstenção política em todas as circunstâncias equivale a pô-los nas mãos dos curas e dos republicanos burgueses.»

Efetivamente, a classe operária não se educa apenas através das lutas por suas reivindicações imediatas, mas também e principalmente participando da atividade política, da vida política do país, procurando intervir no processo político em desenvolvimento, conhecendo com exatidão a realidade e fazendo esforços para transformá-la, visando sempre tornar mais próxima a «meta final» revolucionária. Na época da segunda guerra mundial, por exemplo era dever da classe operária e principalmente de seu Partido de vanguarda, de ver internacionalista, lutar pela mudança da política do governo e, se necessário, pela mudança do próprio governo, a fim de que o Brasil fosse colocado ao lado das nações que lutavam contra o nazismo. Nas condições atuais do mundo, nosso dever internacionalista consiste em lutar por um governo que realize uma política exterior de paz e internamente de defesa da soberania nacional, das liberdades democráticas e progressistas. Abandonar tais objetivos em nome da luta por mudanças radicais, pela substituição do atual regime político, é ilusão, traduz desconhecimento da realidade e só pode contribuir para separar o Partido das massas e facilitar a ação das forças reacionárias ligadas aos monopólios norte-americanos.

A falsa compreensão que tínhamos da realidade brasileira e os erros que cometemos na elaboração da tática levaram-nos a uma errônea compreensão da frente única. Esta, em vez de ter um caráter político, de visar a constituição de um determinado governo, um governo possível de ser conquistado nas condições reais da atualidade mundial e brasileira, e era feita em torno de pequenas reivindicações e visava exclusivamente unificar as massas para educá-las na prática e convencê-las da necessidade de luta pela derrubada do governo e do regime. Últimamente, já não nos abstinhamos de participar de eleições, como aconteceu em 1950, mas ao participar nas eleições não vívamos interferir no processo político e participar ativamente da conquista de um governo possível que significasse um passo adiante no processo democrático e que nos aproxime de nossa meta final revolucionária. Participávamos em geral das campanhas eleitorais com o objetivo de conseguir facilidades para o movimento operário, patriótico e comunista e visávamos convencer as massas da necessidade de pôr abaixo o regime. Visávamos sempre objetivos remotos e inatingíveis no momento e esperávamos poder passar, de salto, da frente única limitada para a frente única capaz de realizar as transformações radicais, a frente democrática de libertação nacional. Ora, devemos participar das eleições a fim de nos inserirmos no processo democrático real, único hoje possível no país, visando alcançar os objetivos possíveis e não, imediatamente, os objetivos mais remotos da mudança de regime. A análise da realidade atual, mundial e nacional, coloca-nos diante da possibilidade de participar de um amplo movimento democrático e nacionalista capaz de mudar a política do atual governo ou de conseguir um novo governo de orientação progressista, nacionalista, e democrática, conseguir esse governo através de eleições ou de pressão de massas, ou ainda através da resistência organizada das forças democráticas e patrióticas, no caso de uma inevitável crise de governo, como a de 11 de novembro, provocada pela intervenção imperialista nos negócios internos de nosso país.

A conquista de um semelhante governo é possível através da constituição da frente única democrática e nacionalista se essa frente única souber levantar as justas reivindicações da classe operária, das massas camponesas da intelectualidade e pequena burguesia urbana, da burguesia nacional e dos setores latifundiários que têm contradições com os monopólios imperialistas. Será um governo democrático e nacionalista que poderá fazer uma política exterior independente e que fará avançar a democracia no país. É claro que, à medida que fizer avançar a democracia, terá o governo de encarar a realização de transformações revolucionárias. O governo de coalizão democrática e nacionalista não será, assim, idêntico ao governo democrático de libertação nacional, mas entre eles não existe uma muralha intransponível, já que um leva ao outro. É isto, porque à medida que o governo se orientar no sentido de uma política exterior e interior efetivamente democrática e nacionalista,

exercerão a resistência e a pressão dos imperialistas norte-americanos e dos círculos reacionários a eles ligados e, nestas condições, semelhante governo só poderá subsistir se apoiado no proletariado e nas grandes massas trabalhadoras, particularmente nos camponeses, que constituem a maioria da população do país.

O surgimento de semelhante governo de coalizão democrática e nacionalista colará de maneira concreta o problema das relações da classe operária com a burguesia nacional. Participando do governo ou simplesmente apoiando-o, e proletoariado marchará junto com a burguesia nacional e ao mesmo tempo lutará contra as vacilações da burguesia, contra seus recuos, suas capitulações ao imperialismo. É claro que semelhante luta deve ser travada de maneira adequada, com habilidade, levando-se sempre em conta a realidade objetiva de cada momento, sem oportunismo mas igualmente sem pressaqueo-burguesa, e visando sempre ampliar e consolidar a unidade. Trata-se da luta contra um aliado e não da luta contra o inimigo, da luta para atrair e ganhar para as posições revolucionárias da classe operária e não da luta para afastar.

É claro que a instituição de um governo de coalizão democrática e nacionalista determinará um inevitável e inextinguível aprofundamento da contradição principal entre o povo brasileiro, de um lado, e o imperialismo lanque e seus agentes no país, de outro lado, acelerará, portanto, o processo de libertação nacional, aguçará a luta contra o imperialismo, reforçará e acelerará o processo da formação da aliança operário-camponesa e intensificará a luta contra as sobrevivências feudais e o latifúndio. Aproximam-nos, assim, da meta final, das mudanças qualitativas, da substituição revolucionária do regime e, com isto, das conseqüentes transformações radicais que abrirão o caminho para o socialismo.

Insistindo sobre alguns aspectos dos problemas táticos que hoje enfrentamos, nos numerosos e graves erros que nesse terreno cometemos nos últimos anos, desejo evidentemente chamar a atenção para a necessidade de estudarmos aprofundadamente o caminho da revolução em nosso país. Não estará nisto justamente nossa melhor e mais acertada homenagem à grande data que festejamos e às grandes vitórias alcançadas pelo marxismo-leninismo nos últimos quarenta anos?

Nosso dever de comunistas, de internacionalistas e patriotas, consiste em acelerar o processo revolucionário em nosso país, em tornar cada vez mais próxima a emancipação nacional do jugo imperialista e abrir o caminho para o socialismo no vasto território de nossa Pátria. Mas a demora ou a rapidez de nosso avanço, o número e a gravidade dos erros que cometermos, nossa capacidade em superar as dificuldades, tudo isto depende, em grande parte, da capacidade do nosso Partido, sobretudo da capacidade de seus quadros dirigentes em saber combinar as verdades universais do marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução em nosso país. O marxismo-leninismo é um guia, um guia cuja exatidão já foi provada pela vitória de 1917 e pelos grandes êxitos do socialismo nos quarenta anos desde então decorridos. Mas esse guia será para nós completamente inútil, se não soubermos utilizá-lo para analisar as condições reais em que vivemos. Na solução dos diversos problemas colocados pela vida diante de nós, não podemos partir dos princípios gerais ou de teses teóricas por mais justas que sejam. São as circunstâncias e os fatos que nos cercam que devem constituir o nosso ponto de partida. Para isso, como nos aconselha Lênin, precisamos investigar, estudar, descobrir, adivinhar, compreender nossa própria realidade, o que há de especificamente nacional em nosso povo e em nosso país. A experiência universal é sempre útil e necessária, mas não devemos um passo adiante se quisermos basear nossa atividade na simples conclusão de experiências alheias. Precisamos aprender a elaborar nossas próprias conclusões diante de cada problema, de cada situação nova onde quer que estejamos em nosso vasto país, utilizando o marxismo-leninismo como nosso guia, mas baseando-nos em nossas próprias forças, materiais e intelectuais, e partindo sempre do conhecimento aprofundado da realidade que enfrentamos.

Para contribuirmos como é nosso dever, para levar o nosso país pelo caminho do socialismo devemos fortalecer e ampliar a organização política da classe operária, nosso Partido, chamado a dirigir todo o povo na luta por sua salvação. Mas compreendamos que para fortalecer o Partido precisamos, antes e acima de tudo, intensificar em suas fileiras o estudo da realidade concreta, a análise da situação mundial e nacional, a investigação aprofundada da realidade brasileira econômica, social e política, o estudo da história de nosso povo e da experiência de nossa própria atividade, o estudo enfim da lógica da revolução em nosso país. É claro, no entanto, que a situação do país não mudará por si mesma, automaticamente. Para alcançar as mudanças que almejam os — mudanças necessárias e inevitáveis, que decorrem do aprofundamento das contradições no próprio processo do desenvolvimento do capitalismo — é necessário o trabalho revolucionário, a atividade consciente do Partido, o cérebro, a honra e a consciência de nossa época na expressão de Lênin.

Falemos menos de revolução, acabemos definitivamente em nossas fileiras com a fraseologia ultra-revolucionária, e façamos o possível para compreender o processo real que se desenvolve em nosso país, o que pensa e o que quer o nosso povo. Se ainda agora, não é pequeno o número de comunistas que se surpreende com as possibilidades legais, cada dia maiores para nossa atividade, com que nos defrontamos, a que se deve isto senão a uma séria incompreensão da correlação de forças no mundo inteiro, cada vez mais favorável ao socialismo, e à incapacidade de avaliarmos a força latente do processo democrático em desenvolvimento no Brasil? No Brasil de hoje, no momento histórico em que vivemos, ser revolucionário, querer apressar a marcha de nosso povo para o socialismo, contribuir efetivamente para a preservação da paz, não é apresentar-se diante do povo como quem traz uma faca entre os dentes e que em nome de uma teoria morta, negação do marxismo, supõe possível transformar da noite para o dia em realidade seus sonhos revolucionários. Ser revolucionário é lutar efetivamente pelos interesses do povo, participar ativamente do processo político em desenvolvimento, conhecer a realidade viva, nela saber inserir-se para transformá-la segundo os interesses da classe operária, do povo brasileiro e do progresso da nação.

Será, assim, que prestaremos nossa melhor homenagem aos povos soviéticos e ao grande Partido Comunista da União Soviética que os dirige e que assinalaremos de maneira indelével na vida de nosso Partido este 40º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.